

TRANQUILLO

in memoriam

Visita de Médico

Francisco Cassol de Bittencourt

2ª Edição Ampliada



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

TRANQUILLO

in memoriam

Visita de Médico

Francisco Cassol de Bittencourt

TRANQUILLO

in memoriam

Visita de Médico

Francisco Cassol de Bittencourt

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2018

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em 12/04/2018

C345b Bittencourt, Francisco Cassol de

Tranquillo [recurso eletrônico]: in memoriam: visita de médico / Francisco Cassol de Bittencourt. – 2. ed., ampl. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2018.

6,5 Mb : PDF.

ISBN 978-85-8326-332-6

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Biografia. 2. Memórias. 3. Cassol, Tranquillo, 1899-1983. I. Título.

CDU: 929

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Agradecimentos

Àqueles que colaboraram com o textos e histórias:

César Pires Machado, Espírito Santo Brum Kraemer,
Luciana Cassol Lopes, Marçal G C Bittencourt, Caetano Trevizan,
Valdiocir Bolzan.

Àqueles que contribuíram com relatos:

Alcivia Cassol, Inez Barbiero, Remaldo Cassol.

Àquela que contribui com a digitação e desvendando
os segredos da informática: Tellen Tessaro.

Àqueles que contribuíram com fotos:

Jader Pires Machado e Luis C Bittencourt, Izar Lorentz Brenner

Àquela responsável pela apresentação do livro:

Selma Nanci Feltrin.

Àquela que contribui em todas as etapas deste trabalho:

Maria Lucia T Cardoso.

Àquela que foi a organizadora deste livro:

Maria B Venite.

À Radio Cotrisel

À Câmara de Vereadores de São Sepé

O começo de tudo

Madrugada do dia 21 de abril de 2015. Eu lutava contra o sono para jogar Paciência Spider. O tablete emite o som da chegada de nova mensagem.

Era uma mensagem do primo Eduardo. Surpreso com tal acontecimento, pela hora e pelo remetente, pois esta foi a primeira mensagem dele recebida, esqueci o sono e fui lê-la. Trazia uma pequena história de Tranquillo com Nery. Mais surpreso ainda fiquei, quando percebi que na realidade o Duda não se dirigiu a mim, mas a toda a família, utilizando-se de uma mensagem que trazia um diálogo entre alguns familiares sobre como resgatar a imagem pouco valorizada de Tranquillo em São Sepé. Da surpresa surgiu o meu inconformismo de a família estar planejando esta homenagem, e eu não ser convidado a colaborar. O fato é que, ato contínuo, respondo a mensagem expondo o meu inconformismo por terem me deixado fora da intenção de planejar tal encontro familiar com homenagens a Tranquillo e Ermínia, entre elas, um livro com suas histórias, com participação efetiva dos que com eles conviveram, cada um narrando os fatos da convivência com eles. Coloquei-me à disposição para ajudar. Mais tarde, relendo a mensagem, percebi meu engano, pois tal diálogo aconteceu no ano de 2012, sem que a ideia fosse posta em prática. Reconhecendo o equívoco, sustentei a retomada da possibilidade de se realizar um encontro entre os familiares de Tranquillo e Ermínia, como resgate às suas memórias. Sugeri nomes para compor uma comissão, datas e local de um encontro para analisarmos a viabilidade da nossa intenção.

Quiseram as circunstâncias que eu fosse o elo entre o passado e o presente, com a concretização de nossos sonhos. Digo que foi gratificante, foi emocionante e saudável entrar na história de Tranquillo.

O encontro realizou-se em 01 novembro de 2015, e o livro con-

cluído em 2016, foi o resultado dos nossos anseios. Não me julgo escritor, nem autor, mas alguém que tentou ordenar os fatos e acontecimentos, com a colaboração de todos os familiares, que envolveram a vida de Tranquillo e Ermínia em São Sepé.

Apresentação

Reconstruir a trajetória de vida de alguém, para recuperar memórias, sentidos e significados, é um modo de reconstruir experiências, valores e concepções, que marcaram e organizaram essa trajetória. Este livro não pretende nenhum estudo que propicie reflexão ou pesquisa, e foi escrito com um único intuito: transcender a subjetividade da memória, por meio do discurso e diálogo oral, que diz respeito a versões do passado: lembranças, a flagrantes que estão na memória de uma história de vida, e que revelam acontecimentos singulares - alguns jocosos - e experiências individuais de Tranquillo Cassol, recuperadas por meio da memória oral, considerada significativa. Esse diálogo oral leva em conta o afetivo da lembrança, que é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à disposição, por um conjunto de representações que povoam a consciência atual de quem nele dialoga. Por mais nítida que pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos no pretérito, porque já não somos os mesmos de então, e porque nossa concepção se alterou, e com ela nossas ideias, nossos juízos de realidade de valor. Mas mesmo assim, quando remetemo-nos a lembranças, a flagrantes, estamos repensando ideias, com imagens e ideais de hoje, em relação às experiências do passado que vão sendo elaboradas ao momento presente. E esse trabalho de memória, não é somente individual, está alicerçado no coletivo, na relação com as pessoas e grupos de convívio mais próximos do sujeito na sociedade, que ainda está ou esteve nela inserido: sua cultura e suas transformações. A memória, pois, depende do relacionamento do sujeito com a família, com a classe social, com a escola, com a crença religiosa que professou, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a ele. E é nesse diálogo de contextos, de continuidades e rupturas, de coincidências tempo-espaco, preocupações e interesses que permanecem

alguns quadros de referência, que marcaram e organizaram os mais variados espaços da trajetória de vida do cotidiano de Tranquillo Cassol.

Selma Nanci Feltrin

Professora, escritora de obras infantis e poeta

Sumário

Parte 1

1 A vida de Tranquillo e Ermínia	13
1.1 A origem	15
1.2 O começo	17
1.3 O trabalho	19
1.4 O fim	33

Parte 2

2 Quando a história e o folclore se confundem	35
---	----

Parte 3

3 Relatos & Descrições	55
------------------------	----

Parte 4

4 Apêndices	69
4.1 A caderneta de Tranquillo	71
4.2 Árvore genealógica	81
4.3 Primeiro encontro	84
4.4 Encontro dos Familiares	89
4.5 Letra da música Trajetória	96
4.6 Cartas pessoais	98
4.7 Ofício do Conselho	100
4.8 Manuscrito do Prefeito	102
4.9 Filiação ao Aero Clube	103
4.10 O Brasão	104

Parte UM

A vida de
Tranquillo e
Erminia

1. A vida de Tranquillo e Erminia

1.1 A origem

Tranquillo nasceu em Formigueiro, distrito de São Sepé, em 1899, filho de Victorio Cassol e Anna Cassol, oriundos da Itália, aportaram no Brasil em 1891, esquivando-se das dificuldades no seu país em busca de um mundo novo.

Ermínia nascida em Santa Bárbara, distrito de Caçapava do Sul, em 1899, filha de Francisco Pogleia e Angela Lago, ambos de origem italiana, aportaram no Brasil em 1890, pelos mesmos motivos e com as mesmas esperanças.

Ele, um rapaz de estatura alta, esguio, elegante no vestir-se, desde a juventude deixava transparecer um espírito desbravador, insinuante, parecendo já nesta idade estar à frente do seu tempo.

Ela de estatura mediana, rosto arredondado e corpo menos esbelto, mas também atraente.

Encontraram-se em Santa Bárbara numa destas tradicionais festas casamenteiras italianas. Após visitas, troca de cartas amorosas e de um namoro convencional, em 05 de maio de 1921 Tranquillo e Ermínia uniram-se pelos laços do matrimônio, fixando residência em Formigueiro, enfrentando

o frio e o calor na sua lida diária, trabalhavam pelo sustento e crescimento socioeconômico. Transferiram-se para São Sepé em 1924, pois a colônia começava a limitar-lhe os espaços que queriam e necessitavam ocupar.

Tiveram cinco filhos: Anita (1922), Artur (Nascido em 10/10/1923 e falecido em 04/12/1923), Julieta (1925), Ilza (1932) e Ivone (1939).



A família.

1.2 O começo

Em 1924 transferei residência para esta cidade

Com a expectativa de oferecer uma vida mais atrativa para si e seus familiares, exercer um trabalho mais adequado ao seu perfil, que não era o de colono, e para expandir seus conhecimentos, deixar aflorar e pôr em prática suas idéias mais avançadas, Tranquillo e Ermínia, já com sua primeira filha Anita, e também, possivelmente, desmotivados pela perda do seu segundo filho Artur, decidiram não permanecer em Formigueiro. Então mudaram-se para São Sepé, na época uma vila com maior potencial de desenvolvimento. Iniciou suas atividades no comércio local com uma pequena loja, onde hoje é a Rua Humaitá 1303, no ano de 1924, em um imóvel simples, construído com madeiras, já necessitando muito reparos. A descrição do seu capital, referido a seguir, com o qual iniciou suas atividades comerciais em São Sepé, foi a que encontramos anotada em seus documentos pessoais, como a caderneta, preservando a forma da escrita. Não a submetemos a ajustes. Em 1929, vendendo esse imóvel, adquiriu outro na Rua da Liberdade, hoje Sete de Setembro, onde ele viveu sua vida de comerciante até o final. Em janeiro de 1947, sua filha Anita casou-se com Fabio Ferreira de Bittencourt, indo morar em Caçapava do Sul, onde o casal cuidava de um pequeno comércio. No final desse mesmo ano, Tranquillo fez a Fabio uma proposta de sociedade, que aceita, trouxe a filha e o genro, para morar em São Sepé. Essa sociedade foi firmada em 15 de novembro de 1945. Fato similar ocorreu após o casamento de Julieta com Lino Plínio Tronco, em 1948. Após o casamento foram residir em Santa Maria e 1 ano após Lino e Julieta voltam para São Sepé, para fazer parte da sociedade de Tranquillo e Fabio. Essa tríplice sociedade foi desfeita em 1950, fazendo com que Fabio organizasse seu próprio negócio, a Casas Paris, cabendo-lhe a parte de tecidos e confecções, o que mereceu um comentário de um experiente comerciante de São Sepé, Sr José Ineu, o qual advertia a Fábio que comércio sem balança não prosperava. Chegado o ano de 1964, transferiu sua parte na sociedade para o genro Lino Plínio Tronco,

que mudou o endereço da loja ocupando amplas e modernas instalações na esquina das Ruas Sete de Setembro com Plácido Gonçalves. O imóvel, símbolo de Tranquillo, está em pé até hoje, descaracterizado é bem verdade, mas ele preferiu vendê-lo a demoli-lo, para continuar desfrutando até o fim de seus dias.



Imóvel adquirido em 1929 (loja). Muito descaracterizado.

Tranquillo deixou uma documentação pessoal, que ficou oculta da maioria dos familiares e que só veio à luz muitos anos depois. É com base nestas anotações pessoais que descreveremos a vida do casal. Há uma caderneta com anotações das suas realizações públicas, com atos e ações em que ele se doou ao bem da comunidade, relacionadas ano após ano, com linhas em branco entre elas. Por certo Tranquillo queria encontrar alguém para preencher estes espaços e não encontrou quem pudesse finaliza-los. Não consta desta caderneta suas ansiedades e preocupações familiares nem relata seu progresso pessoal, quer financeiro, patrimonial ou social, pois era assim que ele queria ficar conhecido. O outro é mais importante.

Anotação da caderneta, na íntegra:

<i>"Capital inicial quando comecei a negociar em São Sepé</i>	
<i>Valor 2 casas</i>	<i>2700.000</i>
<i>Em dinheiro</i>	<i>4.500.000"</i>

1.3 O trabalho

Tranquillo mantinha em uma caderneta simples o registro, ano após ano, da sua atividade profissional. Transcrevemos, a seguir, todos os itens que se encontram nela em ordem cronológica. Respeitamos a grafia da época, e tecemos um comentário a respeito o assunto. Alguns tópicos ficarão sem comentários, pois apesar dos esforços na busca de material, tanto oral como escrito, que ilustrasse o tópico citado, nada foi encontrado, e seus contemporâneos já não se encontram mais.

Sempre que possível acrescentamos comentários sobre o outro lado de Tranquillo, sua vida pessoal e familiar, fatos do dia a dia, sem relação direta com o trabalho, e que não estão contemplados na caderneta.

*"Em 1926 fui nomeado fabriqueiro da Igreja Matriz"
"Continuei sempre dando total apoio aos padres"*

Fabriqueiro é um membro do Conselho Paroquial, encarregado de recolher os rendimentos de uma igreja, administrar seu patrimônio e zelar pela conservação de alfaías (objetos de adorno) e paramentos.

"Em 1928 fui rotado para conselheiro a Câmara Municipal"

A função do conselheiro era a de opinar, a pedido do Presidente da Câmara Municipal, sobre os projetos apresentados pelos vereadores a respeito da sua necessidade, e abrangência política e econômica e de sua repercussão.

*Em 1930 a parte da comissão para construção monumento
na Praça das Mercês
1 Centenário de S. Sepé"*

O comércio prosperou dando-lhe a possibilidade de adquirir um imóvel mais amplo, mais central, ampliando-lhe, também, a oportunidade de crescimento econômico e social. Quando das comemorações do centenário do início do povoamento de São Sepé, Tranquillo já estava em novas instalações, situada na esquina, hoje, Av. Sete de Setembro com a Rua Osvaldo Aranha. A revista impressa, em comemoração a esta data, exibe a foto de uma loja bem provida, com proprietários satisfeitos e uma família feliz, estampado na face dos pais junto às suas filhas Anita, com 8 anos, e Julieta com 5 anos. Essa rápida evolução social e patrimonial lhe rendeu o convite para fazer parte da Comissão para construção do monumento, na praça central da cidade, que celebra o 1º centenário do início do povoamento, onde, no terreno que seria para a construção da capela, foi erguida uma cruz.



Monumento comemorativo do 1º centenário da colonização de São Sepé, em 1930.



Interior da loja com a esposa e filhas Anita e Julieta, em 1930.

Atendendo à necessidade de abastecer com combustíveis à frota de automóveis de São Sepé que aumentava rapidamente, Tranquillo, assinou, em 1930, com a Atlantic Refining Company of Brazil um “Contracto de Comissão Mercantil” que permitia-lhe vender combustível – querosene e gasolina à população de São Sepé e região. Em princípio, o combustível era vendido a partir de tambores que comportavam 100 litros. Mais tarde, foi instalada uma bomba mecânica, com depósito subterrâneo, a qual era acionada por uma alavanca vertical, que transferia gasolina do tanque subterrâneo para um recipiente de vidro no topo da bomba, na quantidade desejada, e após



Loja de Tranquillo, vista lateral, hoje, já muito descaracterizada



Bomba similar a esta funcionava em frente ao comércio de Tranquillo.

drenada para o tanque do automóvel. Esta bomba estava instalada na atual Rua Osvaldo Aranha quase esquina com a Rua Sete de Setembro, em frente da sua casa comercial. Além desta bomba havia mais três instaladas em São Sepé. Uma em frente à loja do Sr Alexandre Bolzan, a terceira nos arredores da praça central e uma quarta em frente à casa comercial de David Bolzan. Em

1960 esta bomba foi desativada, após a construção do Posto de Combustível, do outro lado da rua, em frente a sua casa comercial, com a mesma bandeira (Atlantic), cujos sócios eram Tranquillo Gregório Cassol, Fabio Ferreira de Bittencourt, Lino Tronco e Paulo Pacheco. Este empreendimento foi vendido em dezembro de 1961 ao Sr Hermínio Marchezan.



Posto inaugurado em 1960.

*"Em 1932 fui nomeado representante
da Liga Eleitoral Católica neste município"*

Liga Eleitoral Católica, era uma entidade ligada às Dioceses, cujos membros eram designados pelo bispo diocesano, com a finalidade de analisar sob o ponto de vista da Igreja, os candidatos a cargos eletivos para, posteriormente, orientar a comunidade católica em quem votar.

*"Em 1933 foi nomeado pelo Governo do Estado
membro do Conselho Municipal"*

Por nomeação do Sr. General José Antonio Flores da Cunha, em 24 de março de 1933, assumiu como membro do Conselho Consultivo do Município de São Sepé, cujo prefeito João Carlos de Figueredo, comunico-lhe o fato. A função exercida pelos conselheiros consultivos era a de opinar sobre questões solicitadas pelo Prefeito Municipal.

*"Em 1933 foi sócio fundador e eleito
1º Tesoureiro do Centro Republicano Borge de Medeiros"*

No dia 20 de novembro de 1933 recebeu a comunicação do secretário de que seu pedido de desfiliação desta agremiação fora aceito.

“Em 1934 foi eleito Presidente do Club Republicano Liberal”

“De ordem do Sr Presidente...” No dia 4 de dezembro de 1934, recebeu o comunicado que, em reunião de assembleia geral, tinha sido eleito Presidente do Club Republicano Liberal, e que a posse ocorreria no dia 25 de dezembro de 1934. O Club Republicano Liberal era ligado ao Partido Republicano Liberal, partido fundado por Flores da Cunha, que constituía uma dissidência do partido Republicano Castilhistas, origem política dele era a de Borges de Medeiros. Veja que em 1932 o Borges foi preso por Flores após o combate de Cerro Alegre.

O Centro Republicano Borges de Medeiros era oposição ao de Flores da Cunha, que ficou no Governo do Estado até 1937, quando partiu para o exílio, pressionado por Getúlio Vargas que iniciava o Estado Novo.

*“Em 1935 fez parte da comissão para instalação
Colégio Fontoura Ilha nesta cidade”*

Tranquillo via na educação escolar a base para o desenvolvimento e o progresso do indivíduo, tanto no aspecto individual como coletivo. Este traço de Tranquillo fica demonstrado no interesse da manutenção do Colégio Fontoura Ilha em São Sepé, como mais tarde, participou ativamente das negociações para a vinda da rede Notre Dame, inclusive financiando a compra do primeiro imóvel para o Colégio Notre Dame .

Transcrição do ofício ao prefeito municipal sobre a permanência do Colégio Fontoura Ilha, encaminhado pelo Conselho Consultivo, do qual Tranquillo fazia parte. (Apêndice 4.7)

D. D. Prefeito Municipal.

Tendo presente vosso ofício nº 80 de 22 do corrente, que com este o devolvemos conforma solicitastes, e bem apreciado o assunto nele tratado, desde logo se verifica que a instrução em nosso município é um

dos problemas da mais palpitante necessidade: e, bem examinado o mesmo, passamos a responder ás perguntas formuladas.

A pesar de estar funcionando há poucos meses a Filial do Colegio Fontoura Ilha, os alunos que o mesmo frequentamtem apresentado bom

aproveitamento: assim, consideramos ser de interesse do município a permanência do atual diretor, Sr. Solon Loureiro, que, segundo nos consta corresponde as necessidades do nosso meio; ou então que a direção esteja a cargo de um professor igualmente idôneo e competente. Nesta conformidade o colégio será de real utilidade para o nosso município, atendendo ainda a circunstancia de não existir outro estabelecimento de ensino que venha suprir a sua falta.

Convem acentuar que o colégio, de acordo com seu programa, Mantem curso officaes de ensino comercial e promario, além da organização de uma linha de tiro, a qual não funcionou já no corrente ano por ter retardado a instalação do colegio.

Esses fatores, por si só são bastantes para que um estabelecimento de ensino mereça o mais franco e decidido apoio dos poderes públicos. Não será demais salientar o melhoramento intelectual que adv´ra pra o nosso meio, além de melhorar a situação em geral, quer comercial, quer social, sem contar as vantagens pecuniárias e facilidade de cada chefe de família terá com a educação de seus filhos.

Note-se, em toda a parte, o interesse da coletividade entrelaçado com o das administrações, na obtenção de institutos de ensino; e nós que já o temos funcionando, não devemos medir sacrifícios para a sua manutenção e desenvolvimento. Pelo exposto somos de parecer que a Prefeitura deve tomar o maior interesse interesse em amparar esse estabelecimento, e consequentemente deve lhe dar uma subvenção ou auxilio, aim de se manter.

Sobre o quanto exato desse auxilio, deixamos ao cuidado de V.S. o seu estudo e consignaçon em verba, de vonformidade com as necessidades e possibilidades orçamentarias, precedendo ou não qualquer entendimento com o respetivo diretor, conforme V.S. entender de direito. Concordamos , todavia, que os favores a lhe serem concedidos tenham a base de 10:000\$000 (dez contos de reis por ano).

Permanecendo a o inteiro dispor de V.S. para qualquer esclarecimento ou entendimento, apraz-nos apresentar-vos os protestos de elevado apreço, com os votos de Saude e Fraternidade

Miguel Fachin
Delfino Souza
Tranquillo Cassol
Membros do Conselho Consultivo.

São Sepé, 27 de Agosto de 1935

*"Em 1937 foi sócio fundador da Conferência
São Vicente de Paula e eleito tesoureiro da mesma"*

"Em 1952 foi eleito presidente da Sociedade São Vicente de Paula"

*"Em 1960 no cargo de Presidente da Sociedade Beneficente São Vicente de
Paula em 1966 construímos o asilo que foi inaugurado em 9-2-1967"*

A Conferência São Vicente de Paula passou a ser chamada de Sociedade Beneficente São Vicente de Paula. Na secretaria da Conferência Vicentina N.S. das Mercês consta um livro de atas, com termo de abertura em 1º de maio de 1961, cujo objetivo era de registrar as atas das sessões da Conferência. A primeira ata nele registrada foi em 07/05/1961, e já com Tranquillo como presidente da Conferência. Pelo que se deduz, Tranquillo assumiu a presidência em 1961, e nela permaneceu até o final da obra, com sua inauguração. Foi um longo período (13 anos) de esforços diários para concluírem o prédio onde seria instalado o asilo, uma casa para pobres e necessitados, já que os recursos para a edificação provinham em conta-gotas, através de doações, quermesses, rifas e assemelhados.

*"Em 1937 foi sócio fundador do Hospital Santo Antonio
e eleito tesoureiro do mesmo"*

Em 1932, em reunião realizada nas instalações do Teatro Municipal, com cerca de 100 pessoas, foi criada uma comissão pra conduzir as tratativas iniciais para construção do Hospital de Caridade da Vila de São Sepé. Esta comissão era constituída por três pessoas, o Padre Mario Delui, Adolpho Kieling e Rubem Mota, cabendo ao Padre Mario Delui, a presidência da comissão e a Rubem Mota, a secretaria. Desde a primeira reunião, ficou um grupo de senhoras, encarregadas de, com listas nominiais, angariar fundos para a construção do hospital. A partir de março de 1933, Ermínia Cassol também passou a fazer parte do grupo de arrecadadoras. No dia 2 de janeiro de 1934 houve a eleição de diretoria para, oficialmente, gerir os procedimentos para a construção e funcionamento do hospital; Tranquillo estava presente à reunião. Na reunião do dia 11 de fevereiro de 1934, foram nomeados os membros da Comissão para Elaborar os Estatutos e a Comissão de Contas. Tranquillo foi nomeado para a Comissão de Contas. Tranquillo,

até os anos cinquenta, participou ativamente, quer em cargo diretivo ou não, das decisões a respeito do Hospital Santo Antônio (presume-se Tranquillo deva ter se equivocado com a data da caderneta).

"Em 1938 foi eleito membro da comissão fiscal da sociedade Beneficente operaria desta cidade"

Tranquillo, em mais uma manifestação de amor ao semelhante mais necessitado em 29 de maio de 1938, fez-se presente à reunião que fundava e consolidava os estatutos da Liga Beneficente Operária. Em 01 de agosto de 1938 assumiu uma vaga no Conselho Fiscal desta entidade, cargo que exerceu até 30 de maio de 1939. Esta sociedade era mantida através da contribuição mensal de seus sócios (na ata da reunião de fundação assinaram presença 76 pessoas) e por contribuições extraordinárias dos sócios ou eventos. A finalidade primordial desta sociedade era ajudar os operários, empregados ou não, em suas necessidades mais urgentes, como auxílio alimentar, para aquisição de medicamentos, auxílio funeral entre outros. Também promovia atividades de cunho social, cultural e esportivo. Qualquer pessoa poderia ser associada. Os recursos eram distribuídos com parcimônia.

"Em 1936 muito trabalhou para que as Irmãs do Colegio Madre Julia conseguisse iniciar as aula em 1º de Março de 1937"

"Em 1940 nanciei importancia para comprar 1ª propriedade para o colegio das irmãs"

Do desejo à concretização e desta à evolução da Escola Madre Julia para Ginásio, e após Colégio Beata Madre Julia, toda esta conquista está indelevelmente associada a alguns beneméritos sepeenses, entre eles se destaca o nome de Tranquillo. A atuação de Tranquillo junto à Congregação de Notre Dame foi intensa, abrangendo desde uma simples opinião, ao financiamento para a compra do primeiro imóvel para a escola, passando pela compra de máquina de escrever e outros utensílios, desde o gerenciamento da construção do prédio novo, que foi erguido em grande parte com a doação de muitos sepeenses, até frequentes e extenuantes tratativas para a expansão da Escola, ou seja, a criação do Curso Ginásial o que ocorreu em 1956.



1º prédio do MAJU, financiado por Tranquillo.

"Em 1942 nanceiei a compra da sede do Club do Comercio"

"Em 1943 foi eleito membro do conselho fiscal do Clube do Comercio"

"Em 1943 foi sócio fundador do aero club nesta cidade"

De acordo com o cartão de associado de Tranquillo houve a fundação do Aero Clube de São Sepé em 14 de março de 1943. Não encontramos em São Sepé qualquer referência oral ou escrita sobre tal fato. Fizemos contato com Aero Clube de Santa Maria, Porto Alegre e Passo Fundo e na Base aérea de Santa Maria. Foi-nos indicado uma professora da PUC RS doutorada em Aviação Comercial, que não tendo elementos para oferecer nos encaminhou para procurar na imprensa da época. Folhamos o Correio do Povo e a Folha da Tarde do ano de 1943 e continuamos no mesmo ponto de partida. Informou-nos ainda essa professora que nesta época o jornalista Assis Chateaubriand dos Diários Associados fez campanha em todo o Brasil para a formação de pilotos. Encontramos na Folha da Tarde de 16/01/1943 noticia da formação de 61 pilotos em Porto Alegre, através do Aero Clube do Rio Grande do Sul, os quais entraram para a reserva da Aeronática. (Apêndice 4.9)

"Em 1949 foi nomeado correspondente do Banco do Brasil nesta cidade"

Cabia ao correspondente praticar todos os atos e providências atinentes às funções de que fora incumbido, tais como: realizar cobranças de títulos, realizar ordens de pagamento, receber capitais, juros ou dividendos, poder-se-ia dizer que ali funcionava uma agência do Banco do Brasil e

Tranquillo era o seu gerente. Mas se o correspondente não pudesse resolver uma negociação entre o Banco e o cliente, este necessitaria deslocar-se a Santa Maria, com todas as dificuldades de locomoção da época.

"Em 1950 foi sócio fundador do Jornal A Palavra"

Mais um jornal, de periodicidade semanal, passou a circular em São Sepé – o jornal A PALAVRA - objetivo idealizado e executado por um grupo de sepeenses. Faziam parte da sociedade: Tranquillo, Adair Moreira da Cunha, José Evangelho Simões e Antão Pires Macedo. Alguns anos após, o jornal passou a ser administrado por um ex-colaborador, Jose Porto, o Portinho, que também repassou a outros proprietários. Apesar de ter muitas oscilações, o jornal A PALAVRA segue vivo, hoje administrado por Luis Carlos Machado e sua esposa Alexandra G. Antunes.

"Em 1951 foi eleito vereador a Câmara Municipal"

Durante seu mandato, Tranquillo foi discreto, moderado, não tendo atuação de líder comunitário. Exerceu cargo na Comissão de Finanças, Orçamento e Tomadas de Contas. Exerceu também o cargo de líder de bancada (PTB). Aquela politica parece não o ter seduzido, pois não concorreu a reeleição.

"Em 1954 foi nomeado Vice-Presidente da Seção Brasileira de Assistência nesta cidade"

"Em 19.. foi eleito presidente da associação comercial nesta cidade"

"Em 1953 foi eleito presidente do Circulo de Pais e Mestres do Grupo Escolar Mario Delui"

"Em 1954 dei 1 bolsa de estudo para formar Padre Palotino e em 1959 dei mais uma bolsa de estudo para formar Padre Circulares"

Católico praticante e muito fervoroso, Tranquillo, agradecendo às dádivas recebidas e, fazendo valer sua fé e sua missão de ajudar os outros a alcançarem seus objetivos, proporcionou a formação de dois sacerdotes.

Ao redor dos anos 50, a política nacional em relação ao trigo e seus derivados era centralizada nas grandes cidades. Assim, o trigo produzido em São Sepé, por exemplo, era transportado até Porto Alegre para ser moído, e então a farinha voltava à sua origem para o consumo. Por volta de 1954, por decisão do então Presidente Getúlio Vargas, foi liberada a construção de pequenos moinhos, permitindo a descentralização da produção de farinha e diminuindo seu custo. Tranquillo vislumbrou outra possibilidade de novas receitas, e com os irmãos José e Calixto de David construíram um moinho de trigo, cujo maquinário foi importado da Itália, e que foi inaugurado em 1966.

Quão difícil não foi para eles, sem dominar os idiomas italiano e inglês, sem conhecer os detalhes de uma negociação internacional, os detalhes de funcionamento de uma rotina bancária e de importação, assessorados foram, com certeza, concluir esta negociação, que ousamos dizer, um marco do empreendedorismo de São Sepé naquela que foi a primeira alavanca para o desenvolvimento sepeense.

Seguindo-se ao moinho veio o caminhão FNM para o transporte da produção de farinha. Na época, havia carência de transporte de mercadorias de São Sepé para outras cidades, havendo disponíveis três pequenos caminhões insuficientes para atender a demanda local, principalmente quanto à comercialização da farinha de trigo produzida em São Sepé, o qual era limitado pela dificuldade de escoamento. Mais uma vez a visão de Tranquillo e seu sócio, deslumbraram a possibilidade de incorporar, ao negócio, um caminhão de maior capacidade de carga, a fim de transportar o seu produto, a farinha de trigo, para Porto Alegre, e, no retorno, as mercadorias compradas em Porto Alegre pelo comércio local. Foi o maior e o mais bonito caminhão da cidade, por um longo tempo, utilizado também por figurantes e cenários nas festividades locais.



Foto do caminhão



Foto do caminhão

"Em 1955 mudou de residência"



Residência de Tranquillo de 1955 até o falecimento

Residência de Tranquillo de 1955 até o falecimento

Anexo à loja comercial havia outras edificações, que serviam de residência para Tranquillo e sua família. Quando mudou-se para sua nova residência, um sobradinho de dois andares construído à Rua Sete de Setembro 798, em 1955, essas dependências passaram a ser a residência de Lino e Julieta com seus filhos Maria Lúcia e Flávio.

A nova residência de Tranquillo e Ermínia, e porque não dizer de Ilza e Ivone, ambas solteiras, foi construída em um amplo terreno, contíguo ao da loja, havendo espaço para um jardim, uma bela horta, cuidada pelo Tranquillo, e um espaçoso galinheiro que ficava sob os cuidados de Ermínia. Esta foi à residência deles até falecerem e que se deu neste local.

"Em 1960 a parte à Comissão que foi ao Rio de Janeiro pleitear junto a Direção Geral a criação agência Banco Brasil nessa cidade"

São Sepé não tinha agência do Banco do Brasil. Muitas foram as negociações para a concretização deste objetivo; mas o impasse continuava sem solução, de modo que se o correspondente não pudesse resolver uma negociação entre o banco e o cliente, este necessitaria deslocar-se a Santa Maria, com todas as dificuldades de locomoção da época.

Como as tratativas realizadas à distância, para a instalação da agência do Banco do Brasil em São Sepé não evoluíam, constituiu-se uma comissão para ir ao Rio de Janeiro, a fim de expor, pessoalmente, os motivos e as razões pelos quais São Sepé necessitava deste empreendimento.

A comissão foi constituída pelo Sr prefeito municipal Dr Tulio Farias Brenner, Sr Tranquillo Cassol, Sr José Maria Picada, Sr Natalício Brum Pontes e o Sr Paulo Pacheco. (Apêndice 4.8)

Quando da viagem ao Rio de Janeiro a comissão utilizou uma aeronave da Força Aérea Brasileira graciosamente oferecida graças a intervenção de um oficial da FAB, irmão do Prefeito Municipal. Esse avião era utilizado para serviço de transporte de militares e cargas, não apresentava por isso um acabamento adequado o que produzia muitos ruídos. Somando-se , por que viajava em baixa altitude não apresentava cabine pressurizada, o barulho dos motores, dentro do avião era muito intenso. Pelo relato da esposa do prefeito, Tranquillo relatou que estava receoso em viajar nesse avião, mas consta que foi o prefeito quem não quis fazer a viagem de retorno nesse avião.

A agência do Banco do Brasil, em São Sepé, foi inaugurada 08/11/1961.

O ano de 1960 mostra mais um empreendimento de Tranquillo, que, com outros sócios, inaugurou um Posto de Combustíveis, que veio substituir a histórica bomba de combustível existente no outro lado da rua. Passaram-se quase dois anos (em dezembro de 1961): a sociedade foi desfeita e a edificação com a licença para comercializar combustíveis foi transferida ao Sr Herminio Marquezan, e até hoje está sob os cuidados da família, e continua a prestar serviços à comunidade sepeense.

Também no ano de 1960, a sociedade de Tranquillo e Calixto ampliou seu comércio de cereais, incorporando um engenho para beneficiamento de arroz, construído em terreno contíguo ao do moinho, e dirigido por eles até 1965. Quando Ilza casou com Sérgio, Lubianca passa a gerir os negócios do engenho, trazendo novas idéias e objetivos, a princípio como gerente até 1967. Mas após o casamento de Ivone com Neri Bueno Lopes repartiram a responsabilidade da firma, agora somente de Tranquillo, já que amigavelmente

Tranquillo e Calixto desfizeram a sociedade, cabendo ao primeiro o engenho de arroz, e a Calixto o moinho de trigo. Neri, tendo outras atividades, declinou da direção compartilhada com Sérgio, e a este arrendou sua parte. Em 1978 o engenho voltou a ser de Calixto após compra do imobilizado.



O Engenho de arroz

"Em 1967 construção do edifício"

Não era do gosto e nem da vontade de Tranquillo possuir bens materiais em seu nome, nem acumular dividendos em contas bancárias, e sempre que acumulava uma sobra financeira a distribuía às suas filhas (e genros) em espécie ou imóveis. Assim, foi em 1967, quando iniciou uma construção de um prédio de três andares com cinco apartamentos (na Rua Sete de Setembro, 826), um para cada filha e outro em nome das quatro. Esses apartamentos foram, durante de todo o tempo em que permaneceram em São Sepé, a residência de Ilza e Ivone.

Assim em outras oportunidades doou um apartamento, em Santa Maria, para cada uma das filhas, como também, em São Sepé, fez o mesmo com um terreno a cada uma delas.

*"Em 1975 foi eleito Vice presidente da comissão
pro construção Salão Paroquial"*

Em 1975, já com 76 anos, encontrou disposição para enfrentar mais uma dura jornada de trabalho. Fez parte da comissão para a reforma da Igreja Matriz e a construção do Salão Paroquial, comissão essa escolhida pela comunidade católica em 20 de fevereiro de 1975.

1.4 O fim

No início da tarde do dia 19/10/1979, quando Ermínia estava sentada na sala de visitas conversando com sua irmã Elvira e Tranquillo, serenamente, deixou a cabeça cair para um lado e não mais respirando, seu coração deixou de pulsar, bem ao contrário quando seu pulsar era vibrante de energia; e esta energia era repartida, tanto para as suas atividades de dona de casa quanto para o apoio presente ao esposo no labor diário. Uma vida que fora levada com intensidade vibrante se escoou pelos desígnios do criador, que, para junto de Si, a levou, deixando, para nós, a dor e a tristeza amenizadas pelas suas lembranças e seus exemplos. Consigo, Ermínia, levou o respeito, a amizade e o companheirismo que nutria por ele.

Viver só, após tantos anos de convivência fraterna e doação mútua com Ermínia, quando tudo ao redor lhe trazia a lembrança dela, foi, de certa maneira, insuportável para Tranquillo. Para acalmar-se e mitigar seu sofrimento, ele muda a sua trajetória de vida, e em segundas núpcias recebe Alcívica Costa de Paula, em 05/08/1981. Quase dois anos se passaram de uma vida familiar intensa, escrevendo cartas aos netos, visitando-os, e acolhendo-os em sua residência, e o mais importante, ouvindo-os. Mas a vida lhe proporcionou, mais precoce do que todos imaginavam, o reencontro com Ermínia. Isto ocorreu em 29/07/1983. Mais uma vez a dor e o sofrimento caem sobre a família, consolados e gratificados que foram pelos exemplos e o legado humano deixado por Tranquillo.

Parte DOIS

Quando a
história e o
folclore se
confundem

2. Quando a história e o folclore se confundem

Raros eram os momentos em que Tranquillo deixava transparecer tristeza ou preocupação. Sempre alegre e pronto para dizer algo hilárico, ou fazer uma brincadeira com os que dele se acercavam. Quem não o conhecia, não sabia se ele estava falando com seriedade ou dizendo uma piada. Dizia sua observação jocosa, ou não, e sua fisionomia, e a entonação da voz permaneciam inalteradas, e quem o quisesse decifrá-lo, não o fazia por indecisão. Só havia, portanto, dois caminhos, rir-se ou permanecer sério. Dentre suas brincadeiras havia uma recorrente: toda a vez que saía de carro com Ermínia, na hora de fazer a curva para a direita, pedia a ela que colocasse o braço para fora da janela do carro e o estendesse. Naquele tempo os carros não possuíam setas de sinalização ou os sinais manuais de trânsito indicativos de direção não tinham sido suspensos. Ela o fazia sem se dar conta que era uma brincadeira de Tranquillo, pois somente o motorista poderia executar a sinalização. Ele, por sua vez, não deixava transparecer pela sua fisionomia, mas era perceptível o movimento de sua barriga num sobe e desce: **ria pra dentro**, por não conter o riso. Mas avisamos: caso o leitor tenha dúvidas da veracidade dos fatos, use o bom-senso para julgá-los.

Dizem que os opostos se atraem, ou se harmonizam com maior facilidade. Tranquillo era calmo, bonachão, quase sempre com humor alegre sempre disposto a uma piada. Já, Ermínia, mais calada, introvertida, dedicada aos trabalhos domésticos e a cuidar da educação dos filhos. Também tinha um enorme e bondoso coração. Mas quando provocada, apresentava reação de defesa mais contundente, quando não partia para o confronto. Ermínia não era somente dona de casa, participava da vida de Tranquillo, dando-lhe

o apoio necessário, conselhos e críticas, fazendo valorizar suas participações. Não tinha vida social marcante, não se manifestava publicamente, mas viveu ativamente.

História 1. Conversa na sauna

Nos anos 1960, Nery B Lopes, casado com a filha mais moça de Tranquillo, a Ivone, era proprietário de uma casa de sauna. Como os senhores de mais idade constrangiam-se em repartir o ambiente com os jovens, Nery instituiu um horário para esses anciãos. Em determinada oportunidade, entre outras pessoas que estavam usufruindo os benefícios do calor e do vapor d'água, estavam Tranquillo e o proprietário do posto de combustível *Atlantic*, que outrora fora de Tranquillo: Sr Hermínio Marquezan. Entre os assuntos ventilados, no momento, surgiu o da sexualidade masculina em São Sepé. “São Sepé tem muitos veados”, diz Hermínio. Tranquillo, com seu sarcasmo corriqueiro perguntou: “E eles cabem em uma Kombi?” referindo-se ao número. Hermínio, italiano da cepa, com gestos amplos, e voz estridente respondeu “tcho! Enche um Barin!” (empresa de ônibus muito conhecida na época).

História 2. Turismo no Rio I

Até os anos de 1950, São Sepé não possuía agência do Banco do Brasil. Após muitas demandas infrutíferas junto às autoridades locais, num esforço alentador, criou-se uma comissão para ir ao Rio de Janeiro, então capital federal, tratar diretamente com as autoridades federais.

Numa noite, sem atividades laborais no Rio, o grupo foi conhecer a famosa boate *Night and Day*. Na sequência do espetáculo iniciou a sessão de *stript-tease*. Os companheiros de Tranquillo olharam-se e ficando preocupados, pois eram sabedores da fervorosa profissão católica de Tranquillo, o convidaram, de forma hilária a voltar para o hotel. Tranquillo, constrangido, mas gostando do que via e imaginando cenas futuras disse, em tom não menos jocoso: “Não se preocupem. Daqui a pouco vai melhorar”. Seguiu-se uma explosão de gargalhadas...

História 3. Turismo no Rio II

Nesta mesma ocasião o grupo foi “esquentar o lombo” nas areias de Copacabana. Com as pernas duras de ficarem sentados, e o olhar cansado de ver tantas belezas, um deles convidou o grupo para dar uma caminhada. Todos acederam, exceto Tranquillo que preferiu ficar sob a proteção do guarda-sol. Então disse outro companheiro: fique com os binóculos, e quando quiseres ir para o hotel o Senhor nos localiza com os binóculos, nos chama, e vamos embora. Passado algum tempo, Tranquillo cansado, tomou os binóculos localizou-os, e com voz sussurrante, fazendo o gesto de chamamento com a mão, disse: Venham, vamos...

História 4. Trabalho da madrugada

Como bons descendentes italianos, Tranquillo e Ermínia gostavam de cozer suas próprias refeições, com seus temperos favoritos. Assim acontecia com o pão caseiro. Certa ocasião combinaram fazer pão no dia seguinte. Ermínia acordou mais cedo, e executou sua receita preferida e voltou e deitou-se novamente. Na hora habitual, Tranquillo acordou, enquanto isso, Ermínia ressonava tranquila ao seu lado. Então ele acordou Ermínia e perguntou-lhe, não íamos fazer pão hoje? Ermínia, no mesmo tempo que se virava na cama para voltar a dormir, respondeu “ele já está levedando”...

História 5. Tranquillo revivido

O neto que mais herdou as características físicas e também as atitudes de Tranquillo foi o Antonio.

Tranquillo costumava utilizar o lápis quase até o final, já apresentando dificuldade para mantê-lo no equilíbrio de escrever, atitude essa adquirida desde os tempos difíceis do começo da vida. Esse hábito é seguido, até hoje pelo Antônio. Diante disso, Fabio, o genro mais velho, dizia: “É igual ao velho Tranquillo...”

História 6. A brincadeira que virou briga

A sociedade de Tranquillo com Calixto no Moinho ia de vento em popa com a firma, que apresentava resultados positivos. Para comemorar esses resultados, frequentemente, os sócios reuniam-se com os seus familiares e seus colaboradores, para um apetitoso churrasco. Geralmente a iniciativa para a festança partia de Tranquillo: “Calixto, vamos fazer um churrasco domingo que vem? “Quem virá para o almoço”, perguntou Calixto, ao que Tranquillo dizia,” nós, o Lino, o Fábio e os empregados”. Calixto indagava “os guris do Fábio vêm?” Tranquillo provocava: “sim, vêm”. Então Calixto exasperado dizia: “então temos que matar um boi!!!”. Numa destas oportunidades, para animar a festa, Tranquillo simulou uma briga de brincadeira entre Marçal e o Francisco. Após um golpe mais forte, a brincadeira tornou-se briga para valer. Anita vendo os filhos brigando, envergonhada e chorando, pediu que parassem a briga e Tranquillo logo interveio, tornando-se perante Anita, o apaziguador. Marçal, mais velho e mais forte levou a melhor. Mas os louros nem sempre são para os vencedores. Francisco foi pajeado pela bonita filha de um colaborador, depois de ambos tomarem um banho na sanga, para se livrarem da terra pelo corpo, e esfriarem a cabeça.

História 7 Discordando do pediatra.

Quando do nascimento da Luciana, a primeira filha, Ivone teve como pediatra o sobrinho Francisco, que na época cursava o sexto ano da Faculdade de Medicina, preparando-se para a especialização, que exerceria mais tarde em Passo Fundo – A PEDIATRIA. O acompanhamento “médico” iniciou na sala de parto do Hospital Santo Antonio, e estendia-se pela rotina de consultas. Chegado os quatro meses de idade, a rotina da época indicava a introdução da sopa. Após receber as orientações, estava Ivone às voltas com a cozinha, quando chegou Ermínia perguntando o que fazia Ivone: “Estou preparando a sopa para Luciana”, ao que Ermínia respondeu “mas não é assim que se faz. Quem te ensinou?” O gordo (apelido de Francisco que Ivone utiliza até hoje). Ermínia, do alto de sua sabedoria adquirida com a experiência, retrucou: “O que ele sabe, se nunca teve filho???”

História 8. A compra do caminhão

Após decidiram-se pela compra de um caminhão, Calixto representando o moinho e Alexandre Bolzan como motorista rumaram ao Rio de Janeiro, para concretizar o negócio e vir com o caminhão, com Alexandre ao volante. Finda as negociações, Calixto, satisfeito com o desenrolar dos fatos, telefonou a Tranquillo, colocando-o a par da transação exitosa. E Calixto disse: “Concluímos as negociações. Temos um caminhão” ao que Tranquillo perguntou? “Esse tem truck?” E Calixto, enfático, assegurou: “Non, non!!! Esse non tem truque!!!”.

História 9. “O caminhão”

Em 1964 São Sepé carecia de elementos, os mais variados, para o seu crescimento, a exemplo, o moinho de trigo de Tranquillo e Calixto que necessitava de meio de transporte para o escoamento da produção de farinha. Nessa época havia, em São Sepé, apenas três pequenos caminhões destinados ao transporte de mercadorias, mas que não atendiam a necessidade local. Mais uma vez o espírito desbravador de Tranquillo vislumbrou a possibilidade de, com o apoio de Calixto, adquirir um caminhão, que atenderia às suas necessidades e, de quebra, a carência local de transporte, tendo assim mais uma fonte de recursos. O escolhido foi um FNM, que se tornou o maior e o melhor veículo de transporte de mercadorias de São Sepé. Partia esse caminhão carregado de farinha de trigo em direção a Porto Alegre, e na volta trazia as mais diversas mercadorias, para abastecer o mercado Sepeense que se expandia-se a olhos vistos.

História 10. O automóvel e o cavalo

Nery, Ivone e os filhos retornavam das férias curtidas no litoral gaúcho, quando, em plena Free Way, seu automóvel apresentou uma pane, o que resultou em incêndio e na perda total do veículo. Mais tarde, Ivone, lastimando-se com o pai pela perda do seu primeiro automóvel, ouviu Tranquillo, calmo e prudente, dizer: não te preocupes. Eu também perdi meu primeiro carro. Ivone, surpreendida com esta afirmação, pois desconhecia esse fato, atenta ouviu o final do relato. Tranquillo transmitindo experiência disse: “Certa ocasião, quando fui visitar Ermínia em Santa Bárbara, o cavalo em que viajei amanheceu morto no estábulo...”.

História 11. Visita de médico

Francisco, recém-formado, iniciando sua vida em Passo Fundo, ocasionalmente vinha a São Sepé tendo por dever visitar familiares e, se possível, encontrar os amigos. Em uma dessas ocasiões, ao visitar os avós, como o vento, entrou por uma porta e saiu por outra, ao que Tranquillo com seu humor sarcástico e inteligente, chamou-o e disse: “Francisco, visitinha de médico???” Ao ouvir isto Francisco parou sem saber o que fazer. Sentiu-se envergonhado por sua atitude. Esse fato o marcou muito.

História 12. Marçal e a tesoura

Marçal, o neto mais velho, como toda a criança apresentava atividade física tão intensa que, ao menor descuido, lá se ia uma louça ou uma peraltice acaba de se concretizar. Em certa ocasião, Marçal, com dois para três anos de idade, estando na loja do avô, num breve descuido dos adultos, aparece Marçal portando uma tesoura com braços pontiagudos, e a correr pelo salão da loja. Ao ouvir me dê esta tesoura, Marçal, acelerou a corrida com Tranquillo no seu encaço, e assustado pela zoeira, desfez-se da tesoura, jogou-a para trás. Tranquillo que vinha logo após, recebeu o impacto de um dos braços da tesoura na sua canela. A extremidade do braço da tesoura parece ter atingido uma artéria de Tranquillo, pois um arco de sangue esguichava de sua perna. Consta que ele foi prontamente atendido e medicado com a medicação da época: CREOLINA.

História 13. Companheiras de quarto

Cecília, irmã de Tranquillo, viúva, sem residência fixa, veio morar em São Sepé. Tranquillo a recebeu, e pensando não deixar a irmã interferir na rotina da sua família, depois de certo tempo, em decisão conjunta com os demais familiares, essa passou a residir nas dependências do asilo, que fora construído por Tranquillo. Era bem cuidada, recebia visitas das sobrinhas e de outros parentes e amigos, tudo parecia estar evoluindo bem. Certo dia Tranquillo foi visitá-la e a encontrou chorando. Preocupado perguntou-lhe: “Cecília, está tudo bem contigo? Por que estás chorando?” ao que Cecília reclamou: “Trocaram minha companheira de quarto”. Disse Tranquillo: isto é corriqueiro em instituições. “Não te preocupes.” Ela está te incomodando, te perturbando o sono ou outra coisa? ”Não, nada disto! É que ela é muda”, respondeu Cecília. Tranquillo usou sua perspicácia e sabedoria e a tranquilizou dizendo “Não importa que ela seja muda, pois tu és surda...”

História 14. O bom vizinho

Ter um vizinho alegre e bem disposto, que mantém uma conversação em bom nível, que goste de cachorro, não se abala com os latidos do cão vizinho, é uma dádiva. O contrário, eventualmente desencadeia atritos e atitudes antissociais. Ermínia tinha vizinhos com os quais mantinha relações amistosas e de cooperação mútua. Mas nem sempre é um dia de sol. A lixeira mal posicionada, uma palavra proferida com maior entonação, enfim, um pequeno dissabor, que habitualmente passaria despercebido, chegando ao vizinho que “dormiu com os pés destapados” se torna um insulto, uma falta de consideração, e daí a uma discussão mais acalorada, não é mais que um minuto. Certa ocasião, por ter acontecido algo similar com Ermínia e uma vizinha, depois de alguns momentos mais exaltados, Ermínia encerrou o incidente dizendo: “Minha boca fechada é como um botão de rosa, aberta é um livro...”

História 15. O indesejado

Em algumas festas religiosas, a procissão com o andor levando a imagem do santo homenageado faz parte do ritual. Ilza e Ivone, as filhas mais jovens de Tranquillo e Ermínia eram moças da “cidade grande” morando em Porto Alegre e Santa Maria respectivamente. As duas estavam em visita aos pais e coincidentemente havia uma festa religiosa na cidade. Católicas, mas pensando em agradar “o velho” participavam da festa, inclusive, da procissão. O cortejo tinha como roteiro uma rua que passava em frente à casa do cunhado Fabio, cujo filho Francisco brincava com terra e água à beira da calçada. Quando Francisco as reconheceu, e sabendo da importância e do significado para ele da presença das tias, deixou o brinquedo e foi para junto delas. As moças não quiseram aquela companhia, e com gestos e palavras, pediam que ele fosse embora. Mas Francisco insistia em acompanhar as tias, que mantinham o desejo de afastá-lo delas. Tranquillo, que caminhava logo atrás, percebendo a situação, foi até Francisco, tomando-o pela mão, e o conduziu até o final da procissão.

História 16. O paraninfo

Na formatura de ginásio do neto Marçal, no então Ginásio Beata Julia, lá em meados dos anos sessenta, queriam as diligentes irmãs do colégio, ignorando o desejo dos formandos, indicar para paraninfo da turma o Sr.

Delfino Souza, por ser um benemérito do colégio. Marçal impôs-se com indignidade e determinação, nunca antes experimentados por ele, e veemente e de forma obstinada, insuflou seus colegas a indicar para paraninfo, o seu avô, que benemérito foi também, e até talvez mais que o primeiro. Ficaram, assim, as freirinhas num impasse, e para resolver “salomonicamente” o impasse propuseram ser os dois, ao mesmo tempo, paraninfos da turma, o que de fato aconteceu harmonicamente (eram muito amigos), ou seja, dividiram as honras. Delfino foi o orador oficial, e Tranquillo recepcionou os formandos na sala de sua casa ao som da Eletrola da Ivone, e com quitutes vários preparados por Ermínia, regados a “cuba libre”.

História 17. O candidato

Tranquillo e alguns amigos vinham de Santa Maria rumo a São Sepé, e Tranquillo vendo a quantidade de escritos com a palavra “Buri”, ao longo da estrada, em placas, em árvores, escritas em pedras e cartazes, etc. comentou em tom irônico, aliás, essa era uma de suas características -” mas Bah! este tal de BURI, pela quantidade de propaganda, sem dúvida será eleito”. BURI era uma denominação de uma cadeia de lojas existente na época em Santa Maria.

História 18. Atendendo o pedido

É fato conhecido o domínio do homem sobre a mulher nos descendentes italianos. A mulher era praticamente era submissa à vontade do homem. Tranquillo, por seu caráter bondoso e afável, sem autoritarismo com os demais, não exercia esta prerrogativa dos machos italianos. Ermínia, no entanto, conhecedora desta faceta cultural italiana via em certas atitudes de Tranquillo a maneira de agir do homem italiano. E isso a incomodava muito, e na intimidade, com suas filhas dizia: “quando eu morrer quero ficar por cima, isto é, quero que meu corpo seja colocado na urna mais alta que a dele.”

O túmulo da família foi construído, com uma capela no centro e ladeada por uma série de urnas colocadas uma sobre a outra. Na coluna da esquerda, na urna superior, lá está ela, acima de Tranquillo.



Placas no cemitério

História 19. A sede de dinheiro

Encontravam-se em Santa Maria, Tranquillo e Delfino Souza, ambos considerados bem sucedidos em negociações, após um estafante dia de trabalho ambos estavam “torradinhos de sede”, e o último disse: Tranquillo, vamos tomar alguma coisa”? Ao passo que Tranquillo, com sua contumaz ironia: “De quem?”

História 20. Fio dental

Luciana, caminhando com o vô Tranquillo, “muy” tranquilamente por Capão da Canoa, por volta dos seus sete anos de idade, teve a felicidade de vivenciar sua presença de espírito e sua simplicidade verdadeira, e conta então.

Voltávamos para o nosso querido apartamento da Rua Sepé, que vale lembrar, foi presente do Vô para as filhas, e, na mesma calçada, mas em sentido contrário ao nosso, vinham duas meninas caminhando em direção ao centro. Algo normal, diga-se de passagem, se não fosse pelo fato de ambas estarem vestindo somente seus biquínis de praia. Ao passarem por nós, com a maior elegância do mundo, o vô Tranquillo vira lenta e discretamente a cabeça, olha para as meninas em seus modernos biquínis “Fio Dental”, vira novamente para frente, faz um movimento de negação com a cabeça, como quem não acredita no que está vendo, e balbucia como se falasse somente para si mesmo:” cada vez menor...”

História 21. A peralta

Ivone, a filha mais moça, e por isso foi educada de maneira diferente em comparação às suas irmãs, fato este de ocorrência usual em quase todas as famílias. Foi-lhe dado mais regalias, e suas vontades eram invariavelmente atendidas, de modo que quando contrariada Ivone agia com explosão, querendo seu desejo satisfeito. Certa ocasião, numa situação de frustração pela negativa de alguma extravagância, tomou um facão do mostruário, e saiu correndo atrás de Ermínia, ameaçando-a com esse objeto. Serenado os ânimos, certamente Ivone recebeu um belo corretivo. Até hoje ela lembra da sensação de ardência em certa parte do corpo.

História 22. Visita ao asilo

Luciana, quando criança, adorava ir com o Vô ao Asilo São Vicente de Paula, em São Sepé, para visitar os “velhinhos”. Íamos, na verdade, visitar sua irmã, tia Cecília e levar doações para os que lá moravam.

No seu humilde quarto sempre nos recebia com alegria! Cabelo ralinho com fios sedosos e branquinhos, que eu adorava alisar... Olhar sereno, e em algumas vezes esquecia-se de colocar os dentes postiços. Fato que, para uma criança, era muito engraçado. Eu conversava com todos e me divertia com muitos!

Em uma destas visitas corri para o vô Tranquillo, para dizer que queria ser madrinha de um dos residentes, e já estava vendo quem seria. Mas o vô, meio contrariado e, talvez meio enciumado com o fato, não concordou com minha ideia, e mais do que depressa disse-me: “Pode me adotar, então!” Daquele dia em diante ele virou meu afilhado, e sempre que me encontrava, sem exceção, beijava minha mão e me dizia:” Benção, minha madrinha!” E eu, na maior alegria, respondia:” Deus te Abençoe, meu afilhado”!

História 23. Divergência

Noutra feita, tendo o casal “discutido e brigado” por alguma divergência momentânea, Ermínia, querendo dar-lhe o troco e vingar-se da pretensa ofensa, disse seriamente e em tom de ameaça: “Tranquillo, se não parares de me incomodar, pego um “taqui”(como foneticamente ela pronunciava táxi) e vou para Caçapava ondular os cabelos”!!!!

História 24. Realizando um sonho

Nossos avós Tranquillo e Ermínia tinham um sonho. O sonho deles era o de conhecer o espetáculo da Paixão de Cristo que se realiza anualmente em Nova Jerusalém por ocasião da Semana Santa. Nova Jerusalém fica situada no município do Brejo da Madre de Deus, distante a 180 km de Recife. O local é uma réplica da cidade que leva seu nome. Para os que ainda não a conhecem, sintetizo informando que Nova Jerusalém é considerado o maior teatro a céu aberto do mundo, com 100.000 metros quadrados. Conta com lagos artificiais, nove palcos, tudo circundado por uma muralha de milhares de pedras e com altura de aproximadamente 7 metros e com 70 torres. Atrai milhares de turistas, para assistir a teatralização do espetáculo da “Paixão de Cristo”. Participam dela cerca de 500 pessoas, entre atores e figurantes, (aqueles que estão nos papéis principais, são todos de reconhecida notoriedade, os demais são pessoas simples da comunidade). Em cada um dos palcos, distante um dos outros, encena-se um ato referente à vida de Jesus Cristo. Assim, no primeiro cenário demonstra-se a sua anunciação, no segundo seu nascimento, e assim por diante até finalizar na sua crucificação, com a morte e ascensão ao céu.

Tranquillo, lá pelos idos dos anos oitenta, junto com Dona Alcívia, sua segunda mulher, veio a convite de Marçal e de Tania, o que absolutamente era prescindível, visitar-nos, e justo na Semana Santa. Em aqui estando, propus-lhe assistir a peça teatral Paixão de Cristo, mas o que é o motivo primacial deste singelo relato, não sem antes adverti-lo que seria uma missão um tanto quanto espinhosa para ele, dado que o assistir a essa encenação, requeria um bom preparo físico, pelos motivos que seguem: a viagem, em si não é tão longa, mas exaustiva é a sua volta, pois terminado o espetáculo os participantes, em sua maioria, tomam a estrada para Recife e cidades adjacentes, o que simplesmente torna o trânsito caótico, pois imaginem milhares de carros ou ônibus se deslocando na mesma hora e num mesmo sentido. O engarrafamento, então, torna-se uma realidade descomunal. E afora esse transtorno, há a necessidade de se andar muito dentro do teatro, deslocando-se de um palco a outro. Prevenidos do que iriam enfrentar e preparados, partimos. Desnecessário aludir aqui, o quão deslumbrante ele achou o espetáculo, e toda a emoção que o envolveu, por ter tido esta oportunidade ímpar, já quase no ocaso de sua vida. De retorno, chegamos a Recife quase ao clarear do dia exaustos, mas realizados. Restou provado então o acerto da nossa opção.

História 25. O amigo das galinhas

Vó Mínia (apelido da Vó Ermínia) tinha uma criação de galinhas, que era seu mimo. Mandou construir um galinheiro ao lado da horta onde Quilo (como ela chamava Tranquillo) cultivava suas verduras e legumes. O galinheiro era praticamente inexpugnável. Possuía apenas uma porta, mantida sempre com um cadeado, e, ao rés do chão, uma pequena abertura por onde as galinhas saíam para comer a ração, dentro de um cercado. Era tão grande sua afeição por elas, que raramente ela sacrificava uma, e quando precisava de mais, vô Quilo saía a comprar. Suas galinhas, de tão gordas que eram, morriam, ou de doença ou de velhice. Pois bem. Em certa ocasião Marçal, contumaz apreciador de galinhas (segundo suas próprias palavras), junto com sua não tão ordeira turma, dirigindo a avó, disse- lhe: Vó? Não se assustes se um dia desses ouvir barulho de suas galinhas, pois serei eu quem as estará levando. Sabia que ela tinha o sono leve, ao contrário do avô. Vó Mínia, “entonces” apavorada com minha intensão, pediu-me encarecidamente que eu não levasse a cabo o meu intento. Em contrapartida, ela lhe daria dinheiro para ele comprar as galinhas para nossa galinhada.

História 26. A filha do patrão

Trabalhava na venda do avô, como balconista, um cidadão vindo de outros pagos, boa pinta por sinal. Pois não é que se apaixonou pela sua filha mais moça e com ela queria se casar, para contrariedade total de minha avó, é claro. Na casa oblíqua a do meu avô morava uma família de amigos cuja filha, para casar-se às escondidas do pai, que não aprovava em nenhuma hipótese essa união, fugiu, e já vestida de noiva, num táxi em direção à igreja, fora para consumir o casamento, o que de fato aconteceu. Meu avô então, sabendo do ocorrido, chamou sua filha e lhe disse: se quiseres casar com esse rapaz, não me façás desfeita igual. Fala-me que em três meses eu “te apronto”. Se minha vó soube dessa decisão, eu ignoro! Soube apenas, que a filha reagiu negativa e peremptoriamente a esse casamento, pois não tinha a menor intenção de casar-se com esse rapaz.

História 27. O troco

Ainda sobre o “boa pinta”: residia ele em um aposento junto à loja, e utilizava um lavabo comum. Vaidoso que era, descobriu um talco da vó Mínia em um armário no lavabo, e com ele, todos os dias, empoava-se a mais não poder.

Esse talco era um produto importado, trazido de São Paulo pelos meus pais, para comercializar em sua loja, e ocasionalmente a presenteavam com uma unidade. Pois não é que Dona Ermínia desconfiando que o conteúdo do seu recipiente estava esvaindo-se, com muita rapidez, ladina como era, substitui o produto por farinha. No outro dia, ao ver o “boa pinta” todo “enfarinhado”, não necessitou de outra prova para deduzir que era o sócio do seu talco, que deve ter ouvido poucas e boas.

História 28. A insensatez de Tranquillo

O casal Tranquillo e Ermínia, com contumácia, iam a Porto Alegre consultar ou fazer exames. Ficavam lá em torno de 10 dias, e sempre se hospedavam no Lagache Moderno Hotel, juntamente com outros sepeenses que para lá se dirigiam esporadicamente, e com o mesmo objetivo (Seu Batista, Dona Chiquinha, Seu Nepomuceno, dentre outros, eram clientes assíduos). Era um bom hotel e bem situado – no centro de Porto Alegre -. Todavia, quando o avô ia a Porto Alegre, para não gastar dinheiro em hotel caro, (para algumas coisas, raras, diga-se de passagem, era um tanto ávaro – somítico, mas somente para ele. Para outrem, era de generosidade ímpar) hospedava-se no hotel ALIADO, uma verdadeira espelunca, que para ser cognominada de pardieiro, faltava pouco. Era situado, o Aliado, na Av. Farrapos, e para quem conheceu esta rua nos idos tempos, não precisa de maiores detalhes. Todavia, à guisa de esclarecimento, para os mais jovens, era a Av. Farrapos, centro de prostituição, e antro dos malandros de todas as espécies. A par dos módicos preços, e dada a sua privilegiada localização – ficava nas proximidades do comércio e das indústrias da cidade, o avô o utilizava somente para pernoitar, já que de dia, estava envolto em seus afazeres comerciais. Em certa ocasião, fui visitá-lo, e ao chegar perto do hotel, constatei um grande tumulto. Eram marginais que estavam sendo simplesmente jogados no camburão da policia. Meu avô com sua fina e cortante ironia, aliada ao seu refinado humor, questionou os policiais pela brutalidade empreendida contra as pobres “pessoas” que estavam sendo recolhidas, ao passo que um sargentão, ou algo parecido, irritado com as gracinhas do Quilo dirigiu-se com ele e disse-lhe grosseiramente: cala a boca velho, fica na tua, senão vais junto também. Aí “preteou o olho da gateada”. Meu avô notando que a coisa era séria e suas gracinhas não estavam tendo a acolhida que ele esperava, de mansinho retirou-se, recolheu-se ao hotel, em que estava hospedado.

História 29. O pão duro

Vô Quilo, no trajeto que diariamente percorria para ir ao moinho, logo após passar pela casa do Seu Xará, desligava o motor da camioneta, para aproveitar o declive da rua e assim chegava ao moinho. O motivo, segundo ele, era o de poupar combustível, isso que à época a gasolina era tão “barata quanto massa para tapioca”, como se diz no nordeste brasileiro. A pretensa economia alcançada por ele era irrisória, sem contar com o risco que ele corria ao trafegar com o carro nessas condições.

História 30. O pequeno pistoleiro

Em um fim de semana quando visitavam parentes em Caçapava, estavam às famílias reunidas no pátio da residência participando de um churrasco quando, de repente, o neto mais velho de Tranquillo aparece no local portando um revólver municiado, pôs-se a apontar a arma a um e a outro, brincando que ia atirar. O pânico foi geral, todos correndo para se proteger e ninguém ousando se aproximar do grande atirador. Tranquillo e seu cunhado Arnaldo, com prudência e cautela, acercaram-se do jovem pistoleiro apanhando o revólver. Criou-se, a partir daí, um pistoleiro frustrado.

História 31. Capitão Rodrigo

Certa feita, aportou em São Sepé, vindo de outros pagos, uma criatura de porte avantajado, assim como seu bigode, de palavreado rebuscado e gestos amplos, personalidade forte, para aqui se estabelecer com o comércio de doces e chocolates - uma “Bomboniere”, a Bomboniere Elite, ponto de encontro para o chá da tarde das senhoras da sociedade local. Aqui também encontrou sua “Ana Terra”, uma moça bonita e prendada e mesmo a contra gosto dos pais da moça, com ela se casou.

Na comemoração da Semana da Pátria, alguns poucos anos após a Revolução de 1964, estavam conversando o seu Tranquillo, outro sepeense e o nosso capitão Rodrigo, em frente da farmácia do Seu Faim. Dizia o nosso Capitão Rodrigo: “ Eu coordeno a atividade de muitos CTG’s da região. Pois não é que o General comandante das forças armadas em Santa Maria, com a intenção de fazer bom relacionamento com a população civil, amenizando assim os efeitos negativos produzidos pelo duro golpe contra o povo, me chamou e pediu que eu fizesse com que os CTG’s da região desfilassem na

passada de 7 de setembro em Santa Maria. Mas eu lhe contradizendo, disse-lhe, que não poderia atender ao seu pedido, visto a posição antagônica do Rio Grande do Sul com a União, em consequência dos fatos ocorridos e, que por isso não iria permitir o desfile dos cavalheiros gaúchos”.

Tranquillo que assistira o desfile dos cavalheiros pela TV disse com seu fino e sarcástico humor: “ Bem que eu disse para a Ermínia, que aqueles CTG’s que estravavam desfilando em Santa Maria não eram do Rio Grande do Sul. Só poderiam ser de Santa Catarina”.

História 32. Os sobrinhos

Pelo seu carácter afável, bonachão, Traquillo, assim como Ermínia, gosavam de um bom conceito com seus sobrinhos, que frequentemente vinham visitá-los, permanecendo vários dias em sua casa. Na foto abaixo, vemos o sobrinho Ciro Barbiero, então residindo em Porto Alegre, onde cursava a Faculdade de Medicina, recém saído da cama, aproveitando o frescor da manhã junto ao Jardim da Tia Ermínia.



Os sobrinhos

História 33. O credor (letra vencida)

Tranquillo, entre suas atividades comerciais, incluía o empréstimo de dinheiro com ágio, também chamado de juros. Mas pela sua índole e prática religiosa de servir aos outros, não praticava agiotagem. Quem tomava o empréstimo, assinava um documento comprometendo-se a saldar a dívida acrescida dos juros acertados, no data apazada e com as demais condições determinadas, documento este chamado popularmente de “letra”.

Certa ocasião um cidadão sepeense, procurou Tranquillo para tomar empréstimo de certo valor. Acertaram as condições e o empréstimo foi efetivado. Mas chegada a data de pagamento esse não se realizou, apesar dos contatos de Tranquillo a dívida ficou pendente vindo esse cidadão mudar sua residência para local não sabido por Tranquillo. Passado muitos anos conhecendo a nova residência dessa pessoa, e tendo um genro advogado, ofereceu-se a Tranquillo a oportunidade de reaver esse valor, mesmo tendo consciência da dificuldade de tal operação. Mas como o genro iria, em viagem de negócios passar por aquela cidade, Tranquillo não deixou passar em branco essa oportunidade. Abordado tal cidadão, esse assumiu o empréstimo, a assinatura no documento, mas entendia que a dívida não existia mais, pois já se haviam passados mais de trinta anos¹.

Não sabemos quantia outras “letras” deixaram de ser pagas a Tranquillo.

História 34. Venda à fiado

Consta que Tranquillo não era muito afeito ao controle de seus créditos, nem dos seus devedores. Certa feita, um freguês, com intenções não bem definidas, chegou a sua loja demonstrando certa impaciência, com sua caderneta de compras a fiado a mão, passou a reclamar que anotaram em sua caderneta compras por ele não realizadas. Tranquillo, apaziguador e sem intenção de enfrenta-lo, o chamou ao escritório e lhe perguntou qual o item que lhe trazia dúvida. Após aponta-lo, disse Tranquillo :”Pois bem, riscamos esse. Há algum outro mais?’ O freguês apontou mais um ou dois e Tranquillo

¹ Transcrevemos abaixo alguns conceitos econômicos, para ressaltar a figura de Tranquillo

Ágio: diferença a maior entre o valor de mercado e o valor nominal de um título.

Agiotagem: transação financeira ou comercial, visando a obtenção de lucros exagerados; empréstimos a juros exorbitantes.

Agiota: quem pratica a agiotagem.

Letra de Câmbio (Letra): título de crédito pelo qual o credor ordena que o devedor pague certa quantia em determinada data para determinada pessoa.

também os anulou e o freguês satisfeito pagou o restante. E a historia correu pela cidade e, outros fregueses espertos vieram reclamar que o mesmo tinha ocorrido com eles. Com o aumento das reclamações, a firma foi obrigada a suspender a venda a fiado e, para tanto fez publicar no jornal local um aviso que encerrava as vendas a fiado, intervenção essa, certamente ditada 'pelo genro e sócio Fabio.



Anuncio no jornal

Parte TRÊS

Relatos
&
Descrições

3. Relatos & Descrições

Repetidamente foi salientado que Tranquillo pensava menos em si e mais nos outros. Em diversas oportunidades claramente isso pode ser comprovado. Quantas vezes aconteceu, não sabemos. Era assim que ele queria; era assim que ele pensava; era assim que ele viveu, à frente do tempo na sua passagem terrestre. É assim que ele vive em seu tempo espiritual junto ao Criador. E lá está por merecimento conquistado, pela sua luta em favor do irmão mais humilde, mais fraco, mais necessitado. Oportunidades de acumular bens materiais as teve, mas Tranquillo, sem prejudicar o bem estar da sua família, “financiou” muitas entidades particulares para sua instalação e manutenção, conforme o descrito anteriormente, com informações retiradas do seu inventário.

Para ratificar àquilo que foi exposto, transcreveremos, com a grafia recebida da época dos acontecimentos, relatos que simplesmente mostram quem foi Tranquillo, e por que não incluir Ermínia também, como exemplo para os homens.

Como foi bom, como foi saudável, como foi gratificante entrar no passado de Tranquillo (o meu avô).

3.1 Formigueiro

Remaldo Cassol. 15 de fevereiro de 2011

Formigueiro. Sim, Formigueiro, mas não os pequenos insetos que cortam as nossas verduras ou na calada da noite deixam nossas roseiras e outras flores sem a proteção de suas folhas. Falo do Formigueiro, pequena cidade, construída com paz e amizade de seus moradores, um lugar de tranquilidade e harmonia. Fundada, principalmente pelos colonos italianos. Os quais compraram, com muitos sacrifícios pequenos lotes de terra chamados de colônias e nelas construíram suas casas. Dentro de suas histórias, contarei uma interessante. Este fato aconteceu há muitos anos nessa cidade, na época em que era distrito de São Sepé. Josué, um pequeno bolcheiro, costumava abrir seu boteco ao clarear do dia e cerrava suas portas há um eito da noite. Mas se conservava com o que vendia. Sua companheira, dona Silvia, fazia toda a lida da casa, cuidando de seus quatro filhos, lavava roupa, e, às vezes fazia chá para alguns fregueses que se passavam na purinha vinda direta do alambique. Ao meio dia Josué ia almoçar e Dona Silvia o substituía no local de trabalho para o esposo comer e fazer uma pequena sesta. Diariamente, sempre no mesmo horário, um freguês ficava aguardando a troca de atendente e pedia um copo d'água bem fresquinha vindo direto da talha. Com sua bondade, a nobre senhora, corria para buscar, atendendo logo o pedido. Os dias foram passando e a cena sempre a mesma. Josué desconfiou e permaneceu certa ocasião, escondido enquanto a água era buscada. O esperado aconteceu: o sedento de água fresquinha se aproveitava, enquanto ninguém estava no balcão, enfiava rapidamente a mão na gaveta e roubava alguns trocados. Josué gritou surpreendendo o ladrão. Este colocou a mão contra o peito parecendo pegar alguma arma, mas rapidamente recebeu um tiro de revólver do dono do armazém. Ferido, mas em pé, foi logo agarrado pelo atirador, não demonstrando reação. Sua mão fora salvadora, ficou apenas com um pequeno furo. Quando tudo parecia estar sereno, o representante do delegado prendeu Josué, levando-o para a sede da cidade.

O povoado ficou lamentando. O boliche onde aos domingos depois da missa se reuniam para bater um papo ou jogar um solo, não era mais o mesmo. As dificuldades de Dona Silvia com o marido preso aumentavam a cada dia. Para piorar, um dos seus filhos adoeceu com uma pontada dupla. E com poucos recursos de medicina, na época, o menino não resistiu. Faleceu alguns dias depois de Josué preso. O delegado não permitiu sua saída para a despedida. Inesperadamente entrou na delegacia um senhor de nome Tranquilo procurando o delegado. Solte o homem, disse o estranho. Eu fico

preso em seu lugar enquanto for feito o enterro. Responsabilizando-se pelo que acontecer ao presidiário. O homem da lei não teve outra alternativa a não ser a atitude humana acima da lei. E assim permitiu a que Josué assistisse o velório de seu querido filho. Logo após o féretro voltou ao presídio. Meses depois foi a júri popular. De um lado, uma acusação de crime premeditado, de outro uma defesa baseada na honra de vida do acusado, homem incapaz de um ato de covardia ou agressão.

Veio o veredicto do corpo de jurados, absolvição por unanimidade. Josué foi solto imediatamente. A população, aos gritos, dava viva à justiça e carregava o outrora réu, às costas, pelas ruas da cidade. Com esse gesto manifestava uma grande alegria e fortalecia publicamente o caráter de um homem acusado injustamente ao tentar resguardar sua família e seu patrimônio. Tranquilo mostrou a grandeza de um gesto nobre, que bem correspondia sua vida de homem justo e cristão.

Remaldo Carlos Cassol
Caçapava do Sul, Fevereiro de 2011.

Transcrição da narrativa recebida pela comissão em 13 de junho de 2015.

3.2 Relato de Alcívio Cassol

Fev/2016

Tranquillo Gregório Cassol, do qual tive a felicidade de fazer parte se sua vida, como sua segunda esposa, era um homem fora de série. Era um cristão autêntico, um homem espiritualizado. Nosso casamento durou dois anos e poucos meses, mas a felicidade não se mede pela duração e sim pela sua intensidade. O ponto alto dessa passagem da nossas vidas conjugais foi uma viagem a Recife, a convite de seu primeiro neto Marçal, que, com sua esposa Tânia, foram maravilhosos anfitriões.

Quando casamos eu era funcionária pública, ativa, e fomos morar em Santa Rosa. Hospedamo-nos no Hotel Real, um hotel antigo, junto à praça central, que nos colocou numa suíte térrea, modesta, mas confortável, e de manhã oferecia um café delicioso e farto. O Tranquillo costumava a me acompanhar até a porta da regional da Fazenda Estadual, onde eu trabalhava, e depois voltava ao hotel. Costumava ficar junto à portaria, conversando com os proprietários e viajantes; para esses gostava de perguntar se conheciam São Sepé e, dizer, com certo orgulho, que Fabio Bittencourt e Lino Tronco eram seus genros.

O Tranquillo, como afirmei no início, era um homem espiritualizado, e o traço de sua personalidade íntegra, que mais me marcou, foi seu espírito de mansidão, e, por possuir essa virtude em alto grau, ele conquistava amigos, e vivia rodeados deles. Ele também era simples e gracioso. Duas ocasiões dessas eu não esqueci.

Primeira

Fui escalada para atender o Posto de Arrecadação de Cândido Godoi. Ele sempre me acompanhava. Íamos de ônibus pela manhã e voltávamos à tarde. Numa das saídas para lá eu notei que um senhor viajante que ria muito olhando para nós, e perguntei ao meu “gringo velho”, como eu o chamava na intimidade: porque ele ri tanto vendo-nos juntos? E ele respondeu: É por causa das diárias. Que diárias? Voltei a perguntar. E a resposta foi essa. “Eu disse para ele que vou sempre a Cândido Godoi contigo, que tu és funcionária pública do estado, e ganhas uma diária por isso, mas para mim o estado não

que pagar. Então o senhor também quer ganhar uma diária? Eu quero, ele respondeu ao viajante.

Segunda:

Noutra ocasião fomos ao sapateiro levar um par de sapatos para conserto. O modesto profissional fez um trabalho bem feito e barato.

Nosso costume era passar um fim de semana em Santa Rosa, e, no seguinte, vir a São Sepé, e no primeiro retorno a Santa Rosa, o Tranquillo levou um par de sapatos dele, com certeza de muito bom de conforto, de camurça amarela, muito usado. Entregou-o ao sapateiro e disse: eu trouxe estes sapatos, para o senhor consertar para mim, pois o “seu colega”, lá em São Sepé, fez esse trabalho que eu não gostei. Eu olhei e vi no salto do calçado, uns preguinhos meio tortos batidos com martelo, trabalho do próprio dono e mal contive a vontade de rir.

3.3 Relato de Inez Barbiero

Fev/2016

A bondade de Tranquillo era a marca registrada do seu carácter, e transparecia multiplicadas vezes em sua prosperidade que não era só material, mas também espiritual. Ninguém se aproximava dele sem sair com as mãos cheias do que mais estivesse precisando: o conforto das palavras amigas, o apoio moral, o incentivo para vencer o desânimo e as dificuldades da vida.

Não poderia ter sido diferente para o seu cunhado Rodolfo Pogle, comerciante de secos e molhados em Bagé, atravessando uma séria crise financeira. Com certeza, bastou chegar aos ouvidos do Tranquillo a situação desesperadora do irmão de sua esposa Ermínia, pai de sete filhos (um dos quais veio a falecer), para que o auxílio surgisse com todo o apoio financeiro e psicológico que Tranquillo costumava proporcionar a quem dele necessitasse. Felizmente, Rodolfo equilibrou suas finanças, restabeleceu seu crédito e tocou “sua bodega” com o maior entusiasmo saído da bancarrota.

Mas correu a notícia que a situação de Rodolfo estava péssima, que jamais teria como pagar o empréstimo ao amigo. Tranquillo, fazendo jus ao seu nome, não se deixou perturbar, e lá foi ele com sua paz e carinho de sempre, com sua fineza de trato e sua habilidade em demonstrar a sensibilidade de sua alma, através das palavras de elevação e força que brotavam espontaneamente de seu altruísmo, constatar a situação do amigo.

Felizmente, tudo era boato. Rodolfo estava bem de negócios, e conseguiu pagar centavo por centavo, do empréstimo recebido. Foi com este equilíbrio financeiro que sua esposa Adélia Rosso Pogle, na contingência do destino que a levou, a gerir e continuar a obra do marido falecido de “Tifo”, doença praticamente incurável na época.

Esse é o testemunho dos seus filhos que receberam formação e instrução de alto nível, nada vindo a faltar para sua mãe conseguir vê-los criados e bem situados na vida. A gratidão que brota do seu relato é apenas mais um dos reflexos dos incontáveis feitos de Tranquillo, homem de bem, de paz e de grande prosperidade que se estendia a todos. Grande exemplo de ser humano a ser seguido por todos que tiveram a felicidade de conhecê-lo, ou apenas ouvir falar seu nome.

3.4 Bodas

Bodas de Ouro Em São Sepé

O casal Tranquillo e Ermínia Cassol, residentes em São Sepé, festejaram em data recente suas bodas de ouro. O casal num inusitado gesto elogiável, ao invés de fazer o tradicional banquete, empregou a quantia que seria gasta na festa na aquisição de alimentos, que foram distribuídos a 288 famílias pobres desta cidade.

Matéria publicada no jornal “Correio do Povo” em 22/07/1971.

Respeitada a grafia da época



Bodas de Ouro

Gesto Nobre

Gesto digno dos maiores elogios teve o casal Tranquilo G. Cassol – Herminia P. Cassol por ocasião de suas bodas de ouro. Cujo transcurso verificou-se no dia 5 do corrente. É que o aludido casal não promoveu as festas que a data requer. Com o dinheiro que gastariam num faustoso banquete o casal distribui carne para 288 famílias pobres, num total de 1.464 pessoas.

Gesto dêsse quilate merece ser imitado e ao mesmo tempo difundido ao máximo.

Bodas de Ouro

Cercado do carinho e da admiração de seus filhos, demais parentes e amigos, o casal Tranquilo G. Cassol – Hermínia P. Cassol, festejou, dia 5 do corrente, cinquenta anos de casamento.

Naquela data, à noite, na Igreja Nossa Senhora das Mercês, o acatado casal recebeu a Bênção do Padre Otávio Ferrari, em tocante cerimônia que contou com a presença de elevado número de amigos. (Foto)

Matéria publicada no jornal “A Palavra” em 08/05/1971.

Respeitada a grafia da época

3.5 Natal no presidio

SS/DP/OF-S/NºSão Sepé, em 24 de dezembro de 1969

Prezado Senhor:

Na dureza da missão que o policial exerce, mais de uma vez vê o homem bom errar e sofrer, mas, na maioria dos casos observa o mau praticar suas maldades. Sente-se pena de um, piedade do outro, mas aplica a lei. Por outro lado, com incrível quantidade de casos, encontra o homem pobre, que diariamente vem à Delegacia de Polícia queixar-se: é o pai que bateu na mulher, a filha que foi seduzida, o vizinho que falou mal da honra, etc., enfim, uma infinidade de situações. Mas o que não deixa dúvida, vislumbra além da ignorância e da preguiça, muita miséria física e moral.

Exatamente por isso, foi que a Delegacia de Polícia ao sr. e pediu-lhe auxílio a fim de proporcionar um Natal de BARRIGA CHEIA a um punhado desses pobres, que atender a todos é impossível.

No dia de hoje, êsses pobres viera à Delegacia e receberam um pouco de comida para festejarem alimentados o Natal. É o sr., com um gesto elogiável, o responsável por essa alegria. As famílias que receberam alimentos, em número de 250, estão catalogadas na DP.

Em nome delas, sr. TRANQUILO CASSOL a Delegacia de polícia vem agradecer, aproveitando a oportunidade para desejar-lhe juntamente com a família um Feliz e próspero Ano Nôvo.

MAURO AZEREDO
DELEGADO DE POLÍCIA
Ao sr. TRANQUILO CASSOL
NESTA CIDADE

3.6 *Dos manuscritos de Diolofau*

Tranquillo e o cinema

Tranquillo Gregório Cassol, quando jovem, morava em Formigueiro, onde ouvira referências ao cinema, o que ainda não conhecia.

Resolveu vir a São Sepé para assistir uma sessão de cinema. Saiu de madrugada, a cavalo, de bombachas, botas, esporas, guaiaca, lenço ao pescoço e chapéu de abas largas. Pretendia repousar um pouco antes do cinema, pois no outro dia cedo, tinha inadiável compromisso em sua casa.

Chegando ao cinema, tratou de sentar em uma das poucas cadeiras que estavam vagas. Estava satisfeito, altaneiro, fizera boa viagem e agora iria conhecer um espetáculo que, segundo lhe explicavam, era um dos mais importantes eventos culturais da época. Certamente que amigos e parentes, cheios de curiosidade, iriam pedir-lhe muitas informações quando retornasse. Estava envolto nesses pensamentos, quando foi despertado por estranho burburinho. Ao iniciarem a projeção do filme, houve uma pane de difícil conserto no equipamento. Eram ocorrências comuns na época.

O proprietário do cinema, de sua cabine, informou o ocorrido. Diante disso, pedia ao público, ao se retirarem, solicitassem devolução dos ingressos, os quais poderiam, ser usados no dia seguinte.

Tranquillo, não podendo permanecer em São Sepé, perdeu a cansativa viagem e teve que adiar o seu sonho de cultura. Mais tarde, fixou residência em São Sepé onde foi, durante muitos anos, uma importante liderança empresarial. Observava-se, no entanto, que não ia muito ao cinema. Teria guardado alguma antiga mágoa?

3.7 A ponte do Passo do Fraga

Sensível às justas ponderações dos moradores do Cerrito do Ouro, o prefeito atendeu ao pedido de construção de uma ponte sobre o Passo do Fraga.

Estabeleceu concorrência, que foi vencida pelo Sr Tranquillo Cassol. Cassol contratou um construtor, que foi objeto das melhores referências e que, portanto, independente do trocadilho, tranquilizava a todos quanto à solidez da obra.

Em curto espaço de tempo, a obra foi concluída.

Havia necessidade de inauguração e adequada festividade.

Tranquillo Cassol, com seu dinamismo característico, cuidou de tudo a preceito.

Na solenidade, a fita inaugural foi cortada pelo Juiz Municipal que, após breve discurso, foi muito aplaudido.

O barqueiro daquele passo, em vias de desemprego, assistindo à solenidade, assim se expressou para alguns presentes: “Quero ver esta jigajoga depois da primeira chuva”.

Durante o churrasco, um inflamado orador se pronunciou, durante meia hora, enaltecendo as qualidades daquela obra, considerando-a como “uma rocha de granito capaz de afrontar as mais violentas procelas”.

Ao término da confraternização, as pessoas se retiraram satisfeitas e entusiasmadas com o espírito empreendedor dos conterrâneos.

Passaram alguns dias.

Veio à primeira chuva.

Daquela obra não sobrou uma estaca sequer; tudo desceu água abaixo.

Parte QUATRO

Apêndices

4.1 Apêndice um

A caderneta de Tranquillo

Em 1924
Transferi residência
para esta cidade

Em 1926
foi nomeado Fabricheiro
da Igreja Matris
continuando sempre dando
total apoio aos Padres.

em 1928
foi votado para conselheiro
a Câmara Municipal

em 1930
fiz parte na da comissão
para construção monumento
na Praça das Mercês
1º Centenario de S. Sepé

em 1932
fai nomeado representante
da Liga Eleitoral Católica
neste município

em 1933
fai nomeado pelo governo
do Estado membro do
conselho Municipal

em 1933
fai socio fundador e eleito
1º Tesoureiro do Centro
Republicano Borge de Medeiros

em 1934
fai eleito Presidente do
Club Republicano Liberal

em 1936.
muito trabalho para que
as Irmãs Colegio Madre Yulia
conseguisse iniciar a aula
em 1º de Março de 1937

em 1935
fui parte da comissão para
estalação Colégio Fontoura
Alta nesta cidade

em 1937
fui socio fundador de
conferencia São Vicente de Paulo
e eleito Thesoureiro da mesma

em 1937
fui socio fundador do
Hospital Santo Antonio
e eleito Thesoureiro do mesmo

em 1938
foi eleito membro da Comissão
fiscal da sociedade Beneficente
operaria desta cidade

em 1940
financiei infraestrutura para
construir 1ª propriedade
para o Colégio dos Armãs

em 1942
financiei a compra da
sede do Clube do Comercio

em 1943
foi eleito membro do conselho
fiscal do Clube do Comercio

em 1945

em 1949
foi nomeado correspondente
do Banco do Brasil
nesta cidade

em 19

foi eleito presidente da
Associação Comercial
nesta cidade

em 1943
foi socio fundador do
Aero club nesta cidade

em 1954,
foi nomeado vice Presidente
Trezorero da Legião Brasileira
de assistencia nesta cidade.

em 1950
foi socio fundador de
Yanual à Taladra

em 1951
foi eleito vereador a
camara Municipal

em 1952

fai eleito Presidente da
Sociedade Beneficente São
Vicente de Paula

em 1953

fai eleito Presidente do
bureau de pais e mestre do
Grupo Escolar Mario Selui

~~em 1944 1950 e 1951~~

~~fai nomeado correspondente
do Banco do Brasil e F. C. de~~

em 1954

dei 1 bolsa de estudo
para formar Padre Palotino

em 1959
dei mais uma bolsa
de estudo para formar
o Padre ~~Palatino~~
biculares

em 1960

foi parte à comissão que
foi ao Rio de Janeiro pleitar
junto a direção geral a
criação agência Banca Brasil
- nessa cidade.

em 1960

no cargo de Presidente da
Sociedade Beneficente S. Vicente
de Paula em 1966 construímos
o asilo que foi inaugurado
em 9-2-87.

em 1975

fui eleito Vicepresidente da
comissão pro construção
Salão Paroquial

4.2 Apêndice dois

Árvore genealógica



Tranquillo Cassol
Victorio Cassol e Anna Cassol

Erminia Cassol
Francisco Pogliã e Angela Lago

VICTORIO CASSOL E ANNA CASSOL

TRANQUILLO CASSOL E ERMÍNIA POGLIA

— ANITA CASSOL E FABIO BITTENCOURT

– MARÇAL E TANIA

- ANA PAULA E ARTUR

JULIA

MATEUS

- MARCELO E ANDRESSA

MARIA EDUARDA

CAMILA

– FRANCISCO E DULCE

- FRANCISCO E LAURIANI

JULIA

- FERNANDO E ANA PAULA

- FABIOLA E ESEKIEL

THOMAS

– FANITA E RAFAEL

- FABIO

- TAIS

- TESSA E GIBRAN

– ANTONIO E CLEUSA

- BRUNA E LUCAS

MARINA

- BETINA E MAICON

CECÍLIA

– LUIS E ELONI

- LEONARDO

- LUCIANO E LIANE

- LEANDRO E CAMILA

— ARTUR (in memoriam)

— JULIETA CASSOL E LINO TRONCO

– MARIA LÚCIA E NILO SÉRGIO

- MÁRCIA

- JULIANA E GEORGE

NATALIA

ISABELA

– FLÁVIO E MARIEL

- ROBERTO

- RAFAEL

— ILZA CASSOL E SERGIO LUBIANCA

– PAULO SÉRGIO E LUCIANE

- FERNANDA

- GUILHERME

- PAULA

- GABRIEL

– JOSÉ FAIBES E JAQUELINE

- JOÃO PEDRO

- MARCELO

— IVONE CASSOL E NERY BUENO LOPES

– EDUARDO

- LUMA E DANIEL

LIRIS

– LUCIANA E FRANK

4.3 *Apêndice três*

1º Encontro dos familiares de Tranquillo e Ermínia Cassol em São Sepé

No dia 1º de novembro de 2015 ocorreu o tão esperado encontro de confraternização dos familiares de Tranquillo e Ermínia. Compareceram todos os familiares diretos, com uma exceção, sua bisneta Fabiola, que reside muito longe, inviabilizou sua presença. Assim assinaram registro de comparecimento 65 parentes. No dia anterior os visitantes, assim que chegavam a São Sepé, eram recepcionados em frente à Casa Paris. Todos sorvendo um bom chimarrão, mataram a saudade, pois muitos não se encontravam há muitos anos.

Houve uma individualização das famílias das filhas de Tranquillo e Ermínia, cada uma delas usando camisetas de cores diferentes. Essa caracterização colorida marcou a singularidade familiar, o caráter uno de uma família, em seus membros, como elos de uma corrente, estavam unidos formando um todo pétreo a partir da convivência fraterna, da solidariedade e do apoio de uns nos outros.

O ato mais importante realizou-se nas dependências da SER IGUAÇU onde foi servido o almoço. Antes, durante e após o almoço houveram manifestações teatrais e de dança. Muitos usaram a palavra para manifestarem sua satisfação, valorizando o fato de que a semente foi lançada pelos netos e bisnetos, e que bem cuidada brotou e floresceu fornecendo bons frutos: que não os deixaremos murchar. Foi apresentado um CD com uma música, cuja letra salienta, principalmente, as qualidades humanas e comportamentais de Tranquillo e Ermínia, música esta com uma pequena participação do Francisco na autoria da letra. As horas passaram rápidas demais, mas foram emocionantes, pacificadores em certas circunstâncias e inebriantes, todos os momentos em que passamos juntos. Foi um dia de **lavar a alma**. Entusiasmados, já estamos fazendo projetos para o 2º encontro.

Começou o preparo para o lançamento da segunda semente.

As fotos que registram o encontro dão uma ideia da alegria e satisfação de todos os presentes.



Manifestação de Ilza



Manifestação de Ivone



Família de Anita



Família de Julieta



Família de Ilza



Família de Ivone



Os netos



Familiares

Entrega do livro na Biblioteca Municipal Clara Gazen



Marçal, Maria Lúcia, Francisco, Garcia e Sandra

Reconstruir a trajetória de vida de Tranquillo Cassol e sua família em São Sepé. Com este objetivo, foi lançado o livro de autoria de Francisco Cassol Bittencourt.

Na terça-feira, o autor, a esposa Dulce, o irmão Marçal Bittencourt e a prima Maria Lúcia Tronco Cardoso visitaram a direção da Fundação Cultural Afif Jorge Simões Filho, quando fizeram a doação de dois exemplares da obra.

Francisco destacou que é uma obra familiar e que tem como objetivo principal retratar as memórias do avô, Tranquillo Cassol, um comerciante que em 1924, acompanhado da esposa, Ermínia Cassol, trocou Formigueiro por São Sepé, onde construiu uma importante trajetória de vida.

Dois exemplares da obra estão na Biblioteca Municipal Clara Gazen, à disposição dos leitores.

Publicado no Jornal do Garcia de São Sepé

4.4 *Apêndice quatro*

Encontro dos familiares de Tranquilo e Ermínia Cassol em Porto Alegre

Era setembro de 2016, início de primavera, fim de semana prolongado pela comemoração da semana Farroupilha, quando ocorreu em Porto Alegre o segundo encontro dos familiares de Traquillo e Erminia Cassol. O objetivo principal deste foi o de divulgar e distribuir para todos a pequena coletânea de fatos, mitos e histórias de Tranquillo e Herminia, contendo pinceladas da vida longa e frutífera deles, em uma obra que não foi terminada. O apanhado dos objetos realizado por Francisco, é de responsabilidade de todos, pois a todos é atribuída a autoria, pois cada um teve a sua contribuição.

Para desfrutar da presença de todos, os familiares residentes em Porto Alegre elaboraram um agradável roteiro turístico. Aproveitamos o sábado o pela manhã, de “chaleira” e cuia para encontrar-nos no Parque Farroupilha e curtirmos juntos a natureza ali presente, além de passear de trezinho, caminhar entre as bancas de feira admirando as antiguidades e a beleza dos produtos artesanais ali expostos. Também com o mesmo objetivo, constava um passeio com o ônibus turístico visitando a zona sul de Porto Alegre no sábado a tarde. Também a tarde foi de comemoração, pois Tania e Cleusa estavam trocando idade. Foi a elas oferecido um gostoso chá da tarde.

Mas foi no início da noite o momento de maior convivência, pois nos encontramos, num ambiente acolhedor para desfrutarmos de boa música, com destaque para a cantora Fernanda Lubianca, bisneta de Tranquillo e Erminia, acompanhada pela guitarra de Frank Solari e seu grupo; boa comida, momentos de compartilhar emoções pela lembrança e o renascer em nossas almas da presença dos que já não estão mais conosco.

No almoço do domingo, mais momentos de congregação, alegria e felicidade, após o mesmo, foi a última cortina do nosso encontro a se fechar, com o propósito de brevemente realizarmos um novo encontro.



Confraternização



Os bisnetos



Fernanda Lubianca e Frank Solari



Chá de aniversário



A tia e os netos



As bisnetas



Família parcial da Anita



Fanita e família



Fanita e suas cunhadas

4.5 Apêndice cinco

Trajectoria

TRAJETÓRIA

Refrão
Na sua trajetória
Seu "Tranquillo" foi monarca
Neste chão deixou sua marca
Altivo, bravo e campeiro
Bom pai, avô e companheiro
Nesta terra fez história
O teu passado é de glória
Neste garrão brasileiro

1. Foi um grande comerciante
Homem de muita visão
Um jeito de bonachão
Caridoso e humilde
Com Deus no coração
Sempre teve muita fé
Nasceu lá em Formigueiro
Mas viveu a vida inteira
Nos pagos de São Sepé

2. Homem alto elegante
De um andar "mui" garboso
Católico fervoroso
Sempre valente viril

Um político honesto
De respeito e integridade
Exemplo pra sociedade
Também trouxe pra cidade
O grande Banco do Brasil

3. Esposo, pai exemplar
Carinhoso e bondoso
Com as filhas cuidadoso
Mesmo depois de casadas
Com genros fez sociedade
Pra manter todos por perto
E ver nascer cada neto
Dando amor e muito afeto
Companheirismo e amizade

4. Parceira na hora certa
E na incerta também
Com a mente sempre aberta
Olho vivo como um vintém
Assim Dona Erminia
Conduzia Seu Tranquillo
Trabalhando de sol a sol
Construindo a rica história
Da família Cassol
Letra: Joelson Godinho e Francisco Bittencourt
Música: Joelson Godinho

Letra da música conforme foi apresentada no Primeiro Encontro

Letra: *Joelson Godinho e
Francisco C. Bittencourt*

Música: *Joelson Godinho*

Refrão

Na sua trajetória
Seu “Tranquillo” foi monarca
Neste chão deixou sua marca
Altivo, bravo e campeão
Bom pai, avó e companheiro
Nesta terra fez história
O teu passado é de glória
Neste garrão brasileiro

1. Foi um grande comerciante
Homem de muita visão
Um jeitão de bonachão
Caridoso e humilde
Com Deus no coração
Sempre teve muita fé
Nasceu lá em Formigueiro
Mas viveu a vida inteira
Nos pagos de São Sepé
2. Homem alto elegante
De um andar “mui” garboso

Católico fervoroso
Sempre valente viril
Um político honesto
De respeito e integridade
Exemplo pra sociedade
Também trouxe pra cidade
O grande Banco do Brasil

3. Esposo, pai exemplar
Carinhoso e bondoso
Com as filhas cuidadoso
Mesmo depois de casadas
Com genros fez sociedade
Pra manter todos por perto
E ver nascer cada neto
Dando amor e muito afeto
Companheirismo e amizade

4. Parceira na hora certa
E na incerta também
Com a mente sempre aberta
Olho vivo como um vintém
Assim Dona Ermínia
Conduzia Seu Tranquillo
Trabalhando de sol a sol
Construindo a rica história
Da família Cassol

4.6 Apêndice seis

Cartas pessoais

Carta de Tranquillo para Ermínia em 1921.

Fernimiquere 6 de Fevereiro 1921.

Saudações
Oh! Excelentíssima Senhora Ermínia. J.
Todas as vezes que me acode a lembrança os teus rembrante
inluminando por esses dois olhos agradavel lembrome da grallas
tarde em que fizeste na tua casa que me fizas tuas com
fidencia que doce recordações me trazem essas tarde. Suficiente
por que fez amentar e se aroderar um grande amor
no meu coração que nac-se e potises por snais tempo acud
tar os tormentos que me devoram; dodes os esforços por
mim empregados para curar no resto a paixão que a tua
immensa fez brotar, não conseguirão mais do que aliar
ch minhá alma e fogo ardente que nutro por teus
reputo e e desejo insaciavel de te declarar o immenso amor
que consagro-te que se com a morte se distinguirá.
Ermínia tu não quis me decla
rar por boca aquilo que eu muito desejava saber; mas
pediste que me mande por carta; para que eu não tenha
zarda com que desconfiar.
Eu me pebo que te escrevesse a respeito da tua comadre ella
perdeu a filha no dia 1 de sety mez, depois da minha volta de lá
e os mais são indo todos bons.
Peçate que me des lembrança a estidade e que pece por mim
se ella que melhor de saude.
Por hoje finalizo, eu sou indo ben de saude e tu receberás
muita lembrança e immensas felicidades.
Festa teu Eramante firme,
Tranquillo G. Cassel

Pode o oce barcos a terra.
Comende en fogo arder.
Mas en deçar de te amar.
Isso não não pode ser.

Tuá carta vertuosa
Ho pe segulle far mais
Algocha te e pede licença
E dá mil lembrança por mim.

Carta de Ermínia para Tranquillo em 1920.

Cacapara 4 de Agosto de 1920

Querido Amante Tranquillo

Tranqui com o coração punzido das mais vivas saudades que peguei na pena para escrever estas tristes e molhadas linhas. Peço fando te uma feliz saúde e tranquillidade. Enquanto todas daqui vão passando regular eu não passo dizê que passo bem porque não pode aizer nada mais triste do que amar e estar separada da pessoa que se ama por não podermos fulgar-se feliz mais o que me consolta e só p e lembrança da pobre Nethilde que ainda é mais auzente do que nos mas não é nada quando o amor concorda o seu amor.

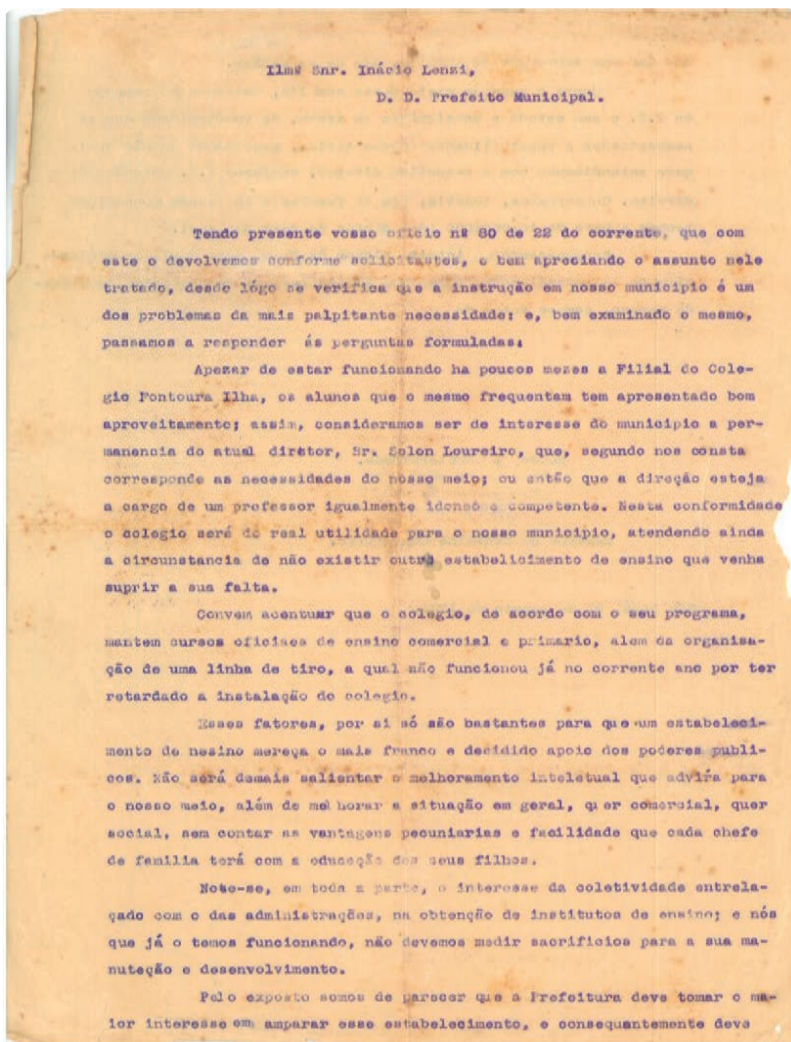
Com esta tenho em participaste que recebi a tua prezada carta a qual veio dar-me mil recordações daquelles deliciosos dias que junto passamos e agora estamos tão longe mas peço to que faça como eu, que lembrãte de mim ao menos em escreverme seguido.

Seu pois vou finalizar saudando-te junto a distincta família adeus adeus querido Tr.

Hermínia Poggio Sr.^a

4.7 Apêndice sete

OFICIO DO CONSÉLHO CONSULTIVO EM RESPOSTA À CONSULTA DO PREFEITO EM RELAÇÃO AO COLÉGIO FONTOURA ILHA



lhe dar uma subvenção ou auxílio, aim de se manter.

Sobre o quantum exato desse auxílio, deixamos ao cuidado de V.S. o seu estudo e consignação em verba, de conformidade com as necessidades e possibilidades orçamehtarías, precedendo ou não qualquer entendimento com o respectivo diretor, conforme V.S. entender de direito. Concordamos, todavia, que os favores a lhe serem concedidos tenham a base de 10:000\$000 (dez contos de reis por ano).

Permanecendo a o inteiro dispor de V. S. para qualquer esclarecimento ou entendimento, aprez-nos apresentar-vos os protestos de elevado apreço, com os votos de

Saúde e Fraternidade.

Antônio Carlos
Trindade
Membros do Conselho Consultivo.

São Sepé, 27 de Agosto de 1935.

4.8 Apêndice oito

VIAGEM AO RIO DE JANEIRO, MANUSCRITO DO PREFEITO EM
DOCUMENTOS DE SEU ACERVO PESSOAL CEDIDO POR SUA
ESPOSA, Sra. IZAR LORENTZ BRENNER

EM 05/02/1960 (APÓS 5 DIAS DE POSSE)
SEGUI-MOS: TULIO BRENNER, TRANQUILA CASSOL,
JOSE MARIA PICADA, PAULO PARHECO E NATALIRIO
PONTES,

PARA O RIO DE JANEIRO PARA LUTAR PELA
ABÉNCIA DO BANCO DO BRASIL EM NOSSO
MUNICÍPIO - O QUE FOI CONSEGUIDO.

Tulio F. Brenner

4.9 Apêndice nove

FILIAÇÃO AO AERO CLUBE

AERO CLUBE DE SÃO SEPÉ

FUNDADO EM 14 DE MARÇO DE 1943

São Sepé, 12 de JUNHO de 1945

Ilmo. Sr. TRANQUILLO G. CASSOL n. 6

Tenho a grata satisfação em comunicar-vos que, em sessão desta Diretoria, realizada aos 4 dias do mês de Junho, foi apresentada a proposta de V. S. para sócio desta sociedade, a qual foi aceita.

Congratulando-me com o novo consocio, aproveilo a oportunidade para felicitar-vos pela resolução feliz de associar-vos ao "AERO CLUBE DE SÃO SEPÉ", passando dessa forma a colaborar na patriótica campanha da aviação civil Brasileira.

Sendo o que se me oferece no momento, firmo-me atenciosamente, enviando-vos, em nome desta entidade.

CORDIAIS SAUDAÇÕES
[Assinatura]
Secretário

4.10 *Apêndice dez*

O Brasão

Este é o brasão da família Cassol, trazido da origem da família em S. Gregorio Nelli Alpi, gentilmente nos cedido pela Sra. Teresinha Tessele Senker.





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

a sua trajetória

o "foi monarca

deixou sua marca

bravo e campeão

o é companheiro

história

